

ASSIGNATURAS
 ANNO .. 20\$000
 SEMESTRE... .. 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Rumores de uma inesperada candidatura presidencial, de precócidade impaciente, agitaram a brusca atmosphera politica nestes ultimos e felizes dias monotonos. Da subtiliza esquivada de boato, que é um pavoroso monstro intangivel, a surpreendente novidade, rompendo o esburacado véo das confidencias, passou a se corporisar em facto muito authentico, muito verdadeiro, auspicioso para uns e sinistro para outros.

Houve uma conspiração ou, em termos mais amenos, uma collisão de chefes, zelosos pelos destinos da patria e muito previdentes para deixarem á accção louca e cega do accaso, interesses sociaes de tamanha monta; houve um innocente conluio para consultar a opinião sobre a viabilidade da candidatura do sr. Campos Salles, exilado voluntariamente no retiro do Banharão.

Quando se diz consultar á opinião, entende-se pedir o apoio dos governadores, que dirigem, soberanamente, as legiões de eleitores feitos á sua imagem e semelhança, disciplinados numa obediencia de pedra bruta.

Na justificação dos motivos desse acoadamento, sobremaneira irreverente para o actual chefe da nação, allegaram que era urgente indicar, desde logo, ao paiz, um nome conhecido e amado, um republicano historico, que puzesse em cheque prévio a suggerida candidatura do sr. Affonso Penna, desfigurado no envoltorio do seu repulsivo titulo de conselheiro de sua magestade o Imperador, como gemma preciosissima embrulhada num lenço de rapé.

Não lhes occorreu que essa ponderação ricochetaria, como ferina satyra, até attingir, criminosamente, á suprema altura, inviolavel e sagrada, e outros pincares não menos respeitaveis.

Accrescentaram, num jacto de má vontade ao implacavel ministro da Fazenda, que era imprescindivel ao desenvolvimento da riqueza nacional, voltar ao poder o cidadão benemerito, que havia restaurado as finanças por meio de um regimen de poupança (aqui vae outra insinuação) de efficaz

arrecadação, e proveitosa applicação do suor do povo generoso e docil, que lamentava, agora, numa contricção sincera, o movimento cruel de ultima hora, que sempre foi e será a hora da ingratitude.

De mais o prazo presidencial fôra curto para a execução de um tão longo e tão complexo plano de administração.

Por estas e outras razões intimas, que se não volatilisaram da fragil caçoila do segredo, acertaram na consulta ao ex-presidente, consagrado aos seus cafezas para restaurar, com sacrificios heroicis, a sua fortuna compromettida.

Os governadores, esses não ponderaram ás esperanças dos conspiradores; refugaram uns, francamente, o ardiloso plano, outros se esquivaram manhosamente, na precócidade do caso, ponderando que era cêdo para cogitarem de successão presidencial: todos sorrateiramente, appellaram para a vontade omnipotente de que elles dependem, como dependem de Appollo, os ardentes ginetes do esplendoroso carro mythologico, portador da luz abençoada e fecundante.

Consultaram, tambem, prestimosos chefes que não tinham entrado no patriotico conchavo; obtiveram acquiescencias mastigadas, promessas melifluas e recusas peremptorias, muitas esperanças e raros desenganos; mas, commetteram o gravissimo erro de não apalparem a opinião suprema, a unica opinião valiosa deste admiravel paiz. Esta se agastou, de não ser ouvida nem cheirada; encolheu-se numa contracção de prerogativas; e — dizem — passou a senha aos leaes amigos que protestaram, nesse melindroso caso de successão, se conservarem fieis ao governador dos governadores. Eis como está perigando não se repetir com o sr. Campos Salles, o caso de Cincinato.

E assim se desfez a nuvem, que toldou durante alguns dias os horisontes da politica, trazendo, no bojo obscuro, as mais fagueiras esperanças ou aquillo que muita gente já começa a considerar — o perigo paulista.

EXTERIOR

Examinando a marcha da guerra russo-japoneza, M. Dubief diz, na *Revue Bleue*, que a perspectiva é para a Russia de perdas e revezes se continuar o sangrento conflicto.

Em S. Petersburgo, começa a tomar corpo a convicção de que não será possivel esmagar o formidavel adversario que surprehen-

deu os europeus com os recursos bellicos mais completos e uma perfeita organização militar. O partido da guerra á outrance, dirigido pela imperatriz mãe, que sustenta Alexieff, pede a destituição de Lamsdorff e de Kuropatkine, ao passo que a Csarina se esforça por inclinar o Csar para a paz, mormente quando já se percebem movimentos revolucionarios bem accentuados, conquistando os habitantes da Polonia, Armenia, Lithuania, Georgia e Finlandia e aguardando o momento favoravel para explodirem, terriveis, em reivindicações justissimas, cuja extensão e effeitos se prevêm claramente, ameaçando o throno e a dymnastia dos Romanoff.

Ante as difficuldades da campanha no exterior, ante as eventualidades, o mau estar das classes productoras, os sacrificios financeiros, tão intensos, que a Russia, em poucas semanas de guerra, foi obrigada a obrar a circulação monetaria, que era de 630 milhões de rublos, com 70 milhões, não é desprezível o boato de que a medeação das potencias europeas será bem recebida.

São conhecidas as condições exigidas pelo Japão para a terminação das hostilidades: restituição da Mandchuria á China, derrocamento das fortificações de Porto Arthur, independencia da Coréa e a indemnisação das despezas militares.

— Submetter-se-á a Russia a essa humilhação? — pergunta o estadista francez, — ou, com o partido da imperatriz-mãe, preferirá levar ás derradeiras consequencias, a lucta — *pour Dieu, pour le Czar, et pour la patrie* — por entre desastres, hecatombes e ruínas?

Operações iminentes, antes que o inverno immobilise os combatentes, derimirão definitivamente, a duvida. É bem possivel que a primeira victoria da Russia, afastando a questão do ponto de honra nacional, abra larga porta á intervenção dos alliados Inglaterra e França, talvez dos Estados Unidos da America do Norte, cujos interesses mercantis, no Oriente, já os levaram a intervir no caso dos contrabandos de guerra, distinguindo-os em *absolutos e relativos* — nova doutrina de direito internacional á qual a Russia se submetteu.

Além das causas assignaladas, outras da politica internacional actuam em favor da paz. A Inglaterra se prevaleceu do conflicto russo-japonez para invadir o Thibet, transpondo a fronteira do Hymalaya, que sempre foi um dique á sua expansão para o norte. Não será surpresa o conseguir ella dominar, definitivamente, os paizes do Euphrates até os limites da Persia. Annullará, assim, uma das clausulas do testamento de Pedro o Grande, e arphyxiará as ambições dos Slavos, tendo por objecto a peninsula do Indostão.

Deve-se mais considerar que questões insolúveis, adormecidas reivindicações, como a situação da Turquia, a soberania dos antigos principados danubianos e outras que repousam sobre um sedimento de odio no coração dos povos occidentaes, se ergam ameaçadoras, exhibindo resoluções immediatas.

É verdade incontestavel que, superiores aos corrosivos effeitos do tempo e ás tendencias humanitarias das idéas, a flecha de Strasburgo e os picos dos Balkans continuam a dominar a politica europeia.

A imprensa diaria, foram transmitidos pelo telegrapho, compungentes pormenores do desastre da expedição portugueza contra os Cunhamas. Collido, numa emboscada, um punhado de bravos foi esmagado pelo inimigo feroz e superior em numero.

O facto impressiona mais pelo inesperado que pelos efeitos sobre a manutenção da paz nos dominios portuguezes da Africa, onde uma administração patriarchal não promovia progressos comparaveis com os dos colonisadores saxões, mas conquistára, com processos de benignidade, a sympathia dos indigenas, olvidados das violencias da primitiva invasão, das *razzias*, arrancando ás tribus negras muitos milhões de homens, que o trafico da escravatura atirava ás regiões da America.

Chegou a vez de pagar Portugal o tributo de sangue, que a resistencia dos indigenas impõe, em muito maior escala, ao imperialismo das grandes potencias europeas. Ha mais de meio seculo, não ha dia em que não corra sangue de brancos a ensopar a terra, segregada pela tradição maldita aos influxos da civilisação: a França, a Italia, a Allemanha despendem permanentes esforços e enormes sommas para manter e ampliar os seus dominios, preparando um campo propicio á collocação dos seus excessos de população.

A Inglaterra, porém, cabe a mais pezada contribuição ao imperialismo.

Todos os annos, desde 1856, ella tem tropas empenhadas em combate nas provincias de seus vastos dominios colonias, como se verifica na seguinte resenha:

De 1856-57, expedição á fronteira da Persia; de 1856-60, terceira guerra com a China; de 1857-59, o famoso motin da India; em 1858, expedição á fronteira noroeste da India; 1860-61, segunda guerra em Nova Zelandia; 1861, a expedição Sikkhim; 1863, outra expedição ao norte da India; 1863-65, terceira guerra em Nova Zelandia; 1864-65, a expedição Bhotan; 1865, expedição á Jamaica; 1867, guerra com a Abissinia; 1868, mais uma expedição á fronteira noroeste da India; 1870, expedição do Rio Vermelho; 1871-72, ainda expedição áquella fronteira da India; 1873, guerra com os Ashantis; 1875, expedição Pirak; 1877-78, a campanha do Jowakhi, quarta guerra contra os Kaffirs; 1878-79, guerra contra os Zulús e Basutos; 1878-80, segunda guerra no Afghanistan; 1880, expedição contra os Basutos; 1881, insurreiçãõ do Transvaal; 1882, expedição egypcia; 1885-89, expedição do Burmah; 1885-89, primeira campanha no Sudão; 1888-93, expedição á fronteira noroeste da India; 1894, expedição á Africa central; 1895, expedição Chitral; 1896, guerra na Matabelandia; 1897, segunda guerra com os Ashan-

tis; 1897-99, expedição á fronteira noroeste da India; 1899-1900, segunda expedição ao Sudão e a ultima guerra no Transvaal.

Resulta desta funesta lista que, em 45 annos, a Inglaterra se bateu em 35 guerras sanguinolentas, das quaes sete duraram mais de um anno, e oito mais de dois, accrescentando aos seus dominios — de 1884 a 1900 — 3.700.000 milhas quadradas, com uma população de 57.000.000 de almas.

Em quanto durarem as tres causas da expansão: — o valor actual de suas possessões tropicaes, o vasto excesso de capital e a crise nas industrias metalurgicas, a Inglaterra continuará a pagar com sangue o seu imperialismo.

POJUCAN.

EU

SNR. DIRECTOR DA R.

Faz v. a honra de pedir algumas linhas d'autobiografia a um individuo que precisamente se orgulha de não ter historia, e de pôr em difficuldades d'orgulho um intransigente accusado de jamais ter feito campo á mediocridade do seu tempo. O ardil é habil, mas não seja eu quem no aproveite para falar *cubierto* aos seus leitores. Persuado-me tambem que á posteridade pouco se dará que eu tenha nascido em Villa de Frades, no largo da Misericordia, numa casinha de taipa construida por pedreiros da minha gente, e que haja sido meu pai, mestre-escola da terra, e typo de santo austero numa alma de sonhador sempre calado, quem protegesse e dirigisse os rudimentos da minha educação. E' costume, tratando-se dum homem de penna, especificar, nesta altura da historia, a sua vocação precoce para as letras, mas a verdade é que eu, até entrar no Collegio Europeu, ao Conde Barão, em 66, só me senti com vocação para sezões. Fui bom estudante sempre, e uma creaturinha triste e socegada — duas razões que accumuladas com a de meu pae nunca vir da provincia; visitar-me, e de por sua pobreza não poder mandar presentes bons ao director, me valeram cinco annos de privações e de maus tratos, e uma resistencia aparentemente submissa e timida d'orgulho, que pela vida fóra tem sido a minha bella independencia e a minha força. Em 72 deixei o collegio, porque a nossa situação pecuniaria, em vez de melhorar, tendia a decahir, e ahí vou eu apodrecer numa botica, sete annos, uma botica que era a projecção agravada da existencia do collegio, com uma enclausura

mais rude, uma fadiga physica mais forte, e peorias consideraveis de tratamento e convivio, de que ainda hoje me não posso lembrar sem ranger os dentes de despeito. A botica para mim teve a vantagem de me pôr em contacto absoluto com o povo, de me mostrar a existencia dos bairros pobres numa cidade onde o operario enve, lھےce sem a menor idéa de conforto, e cumulativamente ensinou-me o manuseio e preparo dos venenos, arte de que me tenho servido com exito para rebentar diversos ratazanas. Durante esses sete annos d'emplastos e de pilulas, ninguem pôde imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me tres horas aos domingos para oxigenar os pulmões cançados de respirar fedentinas de drogas eervas podres; a minha alimentação era uma berundanga que sobrava do jantar da familia do patrão, e que mal pôderei comparar, como nutriencia e aspecto, ás mais asquerosas pastas que os soldados distribuem nos quartéis, á pobralhada. Dormia num cacifro de seis palmos de largo, por vinte de comprido e dez d'altura, numa enxerga metida numa especie de gaveta, que pela manhã reentrava na parede, e da qual tanta vez pedi a Deus me talhasse caixão onde acabar meus grotescos males por uma vez. A baiuca, onde eu praticava, era tão velha, infecta, escura e desornada, que ainda hoje me surprehendo da triumfancia vital deste arcabouço, que pode resistir sete annos áquello inferno de ratos, pias rotas, miseria alimenticia e raçuns d'unguentos pre-historicos. A's oito horas da noite começavam a entrar os da palestra; armava-se uma conversinha pulada sobre os casos do bairro e da politica: havia o gracioso, o sensato, o espirito inventivo, o intransigente e o erudito, que soadas as onze, depois de se terem envenenado tres horas do azedume des seus ordenados famelicos e dos seus azares de familia embirrativos, debandavam aos pares, erguendo as golas dos fraques, e concordando em que não havia senão ladrões neste paiz. O meu desforço foi por aquelle tempo uma creada que servia um fidalgo, por cima da botica, e que me consolava as tristezas enviando-me mimos de cabelo, e confessando-me por uma frincha da porta, coitada, que nunca encontrára um «amor de rapaz mais dedicado.» Pagou-me essa dedicação indo viver com um barbeiro do largo do Mitelo, homem frascario e facil, quasi tropego, que acumulava o mister capilar, com ess'outro, não menos unctuosos, d'ajudar á missa o padre da Bemposta. Esse barbeiro-sachrista, era ciumento, e tendo mobilado a boca, para a cerimonia nupcial, com alguns dentes postiços, foi a exigir, num accesso de zelos, que a rapariga em testemunho d'amor lh'os engu-



O Creador dos Gatos

lisse. Esteve á morte, e por precaução nunca mais a frequentei—do que lhe peço aqui desculpa, caso ainda viva, a espevitada, com os dentes a esmo na barriga.

Esta residencia entre drogas, estragou-me a saude, e além d'outros achaques de espirito e de corpo, inculiu-me uma tendencia morbida para as letras. Gastei sete annos a percorrer todos os logares communs dos escritores nacionaes, de 1830 para cá, e a matar

o tedio desta leitura com romances de cadernetas e pequenos ensaios literarios de fabrica propria, para os jornaes de provincia, onde a petulancia das minhas asneiras me acarretou por Leiria e Vizeu, fóros de escritorinho esperançoso. Minavam-me o tedio e uma ancia de liberdade insaciavel, e alcancei que me deixassem ir findar os preparatorios do lyceu, findos os quaes, ao matricular-me na Escola Polytechnica, o fallecimento de

meu pae me obrigou a abandonar a botica e estudos, para ir acudir ao bem estar dos meus, ameaçado terrivelmente por aquella morte, que nos deixava ás portas da miseria.

Por lá estive um anno inteiro, e tornando no seguinte, por ahi fóra vim vindo, té ultimar o curso medico. Como vivi todo este tempo? Dos recursos do pouco que minha pobre mãe podia dar-me, d'alguma colaboração avulsa por dictionarios e pequenas folhas litera-

rias, e enfim de lições que fui dando, á hora em que os meus condiscipulos folgavam, descuidosos, felizes, bem comidos, bem vestidos, ignorando o martyrio do bom ganho aos patacos, e os prodigios d'energia heroica consumida a vencer economias de cigarros e de ceias, e a desaparecer enfim de toda a parte onde o « successo tem praça », e poderia ser notado o nosso casaco velho, o nosso cabelo crescido, e as nossas botas roídas nos tacões. Vencidos os cursos scientificos, em vez de seguir, como os meus condiscipulos, nas facilidades profissionaes que elles fomentam, cometti a tollice de me lançar na vida litteraria, de querer viver por uma penna donde continuamente espirravam revoltas, e que fatalmente havia de me agravar as difficuldades do caminho. Tendo escrito desde então, cerca de mil e trezentas paginas por anno, o que representa uma actividade rara num paiz onde a bagagem litteraria é um livro de versinhos e meia duzia d'artigos laudatorios, apenas consegui na opinião de muitos dos meus contemporaneos « arranjados », a reputação dum desequilibrado indolente, que arma a sensação por via do galicismo, e a dum prosador colerico, prohibido do successo pelo mau sestro de não poder ser lido por senhoras. Dos resultados materiaes do meu trabalho acerrimo baste a v. saber que nem lógro auferir da penna o sustento necessario, ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro, e tendo de resignar os meus gastos a condições de parcimonia de que só eu sei o mysterio, e perante os quaes forçoso me foi abdicar de todas as aspirações e vanglorias que entram por meio na confeção da alegria, e são neste mundo o factor principal da felicidade. Basta-lhe um facto. Tenho publicado até hoje seis volumes de contos e *bluettes*, cujas materias somadas prefazem alguma coiza, como *mil novecentas e oitenta e tantas paginas compactas*. Quer v. saber quanto me deram os editores por toda esta bagagem? *Seiscentos mil réis*. O que representa uma paga a tres tostões por pagina, menos da metade do salario do mais reles e ignaro traductor de Ponsou du Terrail ou Xavier de Montépin.

Ahi tem v. pouco mais ou menos a historia do homem de letras que alguns criticos teem apodado de vaidoso, e topicos mais que necessarios para a interpretação rozonada da minha mysantropia e essencia litteraria. Está vendo já donde procedem algumas das sensibilidades especiaes que melhor ou peor contem a minha prosa: o sentimento da paisagem, nascido da minha origem d'aldeão contemplador; as predileções por assumptos humildes, inspiradas numa longa e quasi exclusiva convivencia entre as classes chamadas inflmas; e enfim todas as mi-

nhas sedes asperas de justiça, reacção natural da minha indole singela contra os despotismos duma sociedade que durante annos a trouxe enrodilhada nos pés continuamente. Quinze annos deste regimen, escravo de quantos obstaculos a pobreza e o orgulho põem nos rails duma vida laboriosa e continuamente orientada na evitação dos faceis triunfos, das lisonjas pulhas e das recompensas servilmente obtidas no desprezível mister de engraxador, se por um lado me teem mostrado a inutilidade material e moral de toda a especie de protesto isolado, deixaram-me vêr, por outro, na convivencia de milhares d'individuos de todas as categorias e de todas as especies; a porção commum de velhacaria e de baixeza que quasi todos elles precisaram desenvolver para instalar na vida o seu talher. A muito poucos dos que ahi estão hoje elevados, e que passaram por mim nas redacções dos jornaes, nos atrios das escolas e nas mezas dos cafés, invejaria um momento a historia ascencional, porque a gloriola ganha sem trabalho, espatifa-se em bagatelas, como o dinheiro do jogo, sem de si propulsionar senão defeitos.

Tornando ás letras, os meus proprios artigos reparam no character fragmentario dos meus escriptos, e os mais ferozes me accusam d'intrometter fézes humanas nas tintas duma paleta onde só deveriam esmair suavemente as cores do espectro. O primeiro ponto é bem notado, e eu mesmo me entristeço de até á hora presente não ter senão uma efemera bagagem de historietas d'espuma e artigos « mais ou menos verrineiros ». Pouco importa que essa obra faça o melhor de cinco ou seis mil paginas, e represente a fadiga de mais de quinze annos de nervos excitados. O publico entre nós não divinisa senão fabricantes de grandes calhamaços (criterio natural num paiz onde a leitura é toda de lombadas), e mesmo que eu fizesse naquelles pobres bocados, maravilhas, passaria sempre por um chronista aguado das futilidades mansas do meu tempo. Resignar-me-hei calado ao *veridictum*, tanto mais sendo elle, quasi por completo, verdadeiro, mas explicando sempre que quem não aufere, como eu, dinheiros do Estado, e tem de ganhar o seu pão dia por dia, não pode senão produzir minuscularias litterarias, obrinhas de facil curso, pagas aos quinze tostões. Deus sabe quando, e escriptas sabe Deus em que disposições de cabeça e de barriga! A cada instante abordam-me os ingenuos—mas porque não escreve você um livro inteiro? um grande romance, um grande quadro critico?

Imaginam que esses trabalhos se abordam com a inconsequencia e a rapidez de vinte ou trinta paginas; mal comprehendem que sejam pre-

cisos longos mezes d'estudo, annos de concentração, paciencias benedictinas de factura; e durante todo esse tempo quem é que garante ao desprovido escritor, o passadio, e depois da obra feita, quanto dá por ella o editor, ou mesmo quem é que a edita, não havendo em Portugal senão tresentas pessoas capazes de pagar até seis tostões por exemplar?

A linguagem plebea agora, e os termos « sujos ». Quem percorre a maior parte dos livros portuguezes escriptos nos ultimos quinze annos, abysmado fica da falta d'interesse inherente a quasi todos, e da estulta preocupação que leva os auctores a escreverem em « estylo nobre », isto é, numa algaravia convencional, bosselada de rhetorica, eivada d'incidentes, imagens sédiças, phrases feitas, atravez de cujo urdimento a attenção dos leitores se esfalfa, resultando a convicção de que uma tal litteratura é apenas intrujice de duzia e meia d'espiritos palavrosos, ermos de gosto, sem ideaes nem experiencia do officio, e que quando muito aprenderiam nas aulas de portuguez a syntaxe dos escriptos fradescos que lá é costume apontar como mananciaes d'inspiração litteraria genuina. Imagina-se em geral que todo o fiel patife, poeta ou prozador, capaz d'arreglar sobre o papel, daquellas estopadas, fica *ipso facto* sagrado artista e homem de letras, e ninguem perscruta a razão porque, devendo ser a phrase litteraria a expressão fotografica, instantanea, das ideias, escritor que tenha obscuro e superfluo o estylo, é que certamente carece de limpidez nas figurações ou doutrinas que esse estylo é chamado a visonar. As obscuridades de vocabulario, pois, os torcicollos de phrase, as arborencias excessivamente complexas do periodo, longe de creditarem o talento pictural do escritor, devem ao contrario sobreavisar-nos quanto ao pequeno peso e nenhum feitio da sua bagagem psychologica. Desta vacuidade cerebral hypocrisada de rhetorica, que ha vinte annos tem sido a litteratura artistica do paiz, resultou em primeiro logar a depravação do gosto publico; e em segundo, a indiferença gradual, hoje completa, desse mesmo publico por todos os que fazem em Portugal a profissão de homens de letras. A decadencia é tal, que o estylo em que é uso escrever-se, só é bom quando não exprime coisa alguma, e constar duma serie de logares comuns piégas, amanteticos, que leitura finda, valem ao plumitivo a reputação de literatejar « de luva branca ». Ninguem comprehende a necessidade que ha d'escrever como se pensa e como se fala, limpido, claro, brutal, simples e certo, vehemente ou placido segundo o veio d'agua do assumpto, precipitado ou espraiado,

consoante o temperamento emotivo de quem escreve, e sincero sempre, arrancado d'alma, e empregando como Shakespeare diz, para a peor ideia, a peor palavra — venho a dizer, a mais cruel, que é quasi sempre a mais pictural e a mais persuasiva.

Um dos verdadeiros predicados do escriptor é saber elle destringer, na variedade de tantos milhares de formas literarias, qual seja propria para exprimir fielmente um certo assumpto. Latino Coelho, a quando folhetinista, não sei onde, teve o mau séstro de tratar em periodos largos, estylo d'elogio historico, os successos humoristicos ou chalros da semana, e não se imagina o desastre que isso foi! Conhecem uma narração de viagem, de Herculano, á volta do exilio, que vem, me parece, nas *Lendas e Narrativas*? Por qui, por lem, tenta o escritor ferir seus pontos de humorismo, mas o estylo duro do historiador contrahe-lhe o rictus da boca em carantonha, e a gente cuida vêr um mastodonte a detalhar *couplets* velhacos da Judic. Ter o estylo proprio dos seus assumptos é achar para cada genero de literatura uma prosodia propria e uma syntaxe; o estylo desarticulado e curto para as narrativas contemporaneas; o estylo colante, sobrio, mas orchestral, para as narrativas d'assumpto antigo, onde o effeito rezide na erudição da côr e na pompa sylabar; o estylo limpido e leve para os discriptivos de paysagem; gravativo e largo nos elogios dos grandes homens; cortado em zig-zag, aberto ao ar, para os assumptos humoristicos; e para os de satyra silvando entre imprecações e gargalhadas. Gosto pouco de fazer applicações doutrinaes a coisas minhas, mas não deixarei por isso de chamar o criterio de v. para a intuição que sempre me tem guiado os passos neste campo. Se v. percorrer os voluminhos de romance e narração que publiquei, reconhecerá que eu sou um dos rarissimos escrevinhadores portuguezes em cuja obra o *assumpto é que dicta o estylo*, ao contrario dos mais, e onde a propriedade da expressão muitas vezes impele a penna ao exagero de vocabulos que mais gravativamente exprimam as ficções taes como o meu espirito as vê na occasião. Tome v. da minha obra, tres especimens de prosa impressionista: a prosa de romance e descripção, a prosa d'artigo critico, e a prosa satyrica...; e tendo-os comparado intimamente, dir-me-ha depois se algum destes bocados se parece, e se não houve da minha parte, ao tracejal-os, uma comprehensão das afinidades que prendem a qualidade especial do pensamento, á tessitura escrita da expressão. Por consequencia se eu vejo que a primeira aptidão profissional de um homem de letras é fazer ás ideias a *toilette* d'estylo que melhor lhes vae, se eu por exemplo tenho para descre-

ver o campo, um vocabulario especial e rythmos propios, e outro vocabulario e outro rythmo para contar, por exemplo, as desgraças dum mendigo, e successivamente assim té aos assumptos onde a ironia se transforma em chicote e a indignação chufa da boca as insolencias grosseiras do desprezo, como é que os meus censores exigem que eu escreva em estylo nobre, se muitos dos meus assumptos dos *Gatos* são trazidos a publico numa intenção de satyra candente, e se da propria torpeza delles brotam a deleteria tessitura e o estylo mal creado e por vezes obsceno das objurgatorias com que os trato? Não querem entender esses asnos que a linguagem de pamphleto não se fez para pessoas sexuaes, e que a unica formula jornalística capaz de, á hora presente, ferir fundo, deve ser aquella que esbofeteie a hypocrisia infame da sociedade egoista e siphilitica que nos cerca.

Rochefort, por exemplo, estava servido, se para demolir o imperio na *Lanterne* empregasse a proza do chronista nacional Alberto Braga. Argumentamme depois co'a pudicicia alvorotada das madamas, o que me obriga a dizer que o madamismo nacional tem do pudor uma postiga e tola ideação. Na literatura, princezas, não ha nem pode haver palavras sujas. O que ha e assumptos sujos, assumptos pulhas, deleterios assumptos, que os escritores não inventam, e fazem parte do dia a dia da cidade, assumptos enfim de que a linguagem escrita e apenas o impreteivel sigal graphico. Consequentemente o pudor feminino tem apenas, como meio d'impedir que os pamphletarios escrevam pleteismos, o evitar que a sociedade seja menos torpe, e os seus maridos e irmãos menos canalhas.

FIALHO D'ALMEIDA.

GABRIELLE D'ANNUNZIO.

Carlo de Fornaro affirma que não ha homem mais odiado que d'Annunzio na sua propria patria; onde poucos lhe reconhecem genio ou talento litterario, e a maior parte o considera inferior ao poeta pagão Carducci e ao romancista Fogazzaro. Um erudito critico florentino resumiu a opinião geral sobre o autor do *Fuoco*, nestas palavras: somente d'Annunzio pode entender os versos de d'Annunzio, demasiado eruditos, pomposos, e sobretudo, muito pretenciosos.

Alem de um limitado circulo de amigos, ninguem, na Italia, o favorece com uma phrase amavel, e os mais duros, os mais affrontosos epithetos são empregados respeito á sua vida privada.

Outro critico o qualificou de *parvenu*, na vida intima, e *poseur* na litteratura.

Essa má vontade dos italianos provem de julgarem que a grande admiração do resto do mundo ao poeta, é devida ao facto de o considerarem o representante da moralidade da Italia, como Zola dos costumes francezes.

As traducções das obras de d'Annunzio no estrangeiro, na França, na Allemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, produzem para os editores receitas enormes que nunca foram attingidas pelos mais populares romances dos mais notaveis escriptores italianos.

O caso prova mais uma vez que ninguem é propheta na sua terra.

O bem que podemos fazer ás creanças

I

Não sei se os pastores d'almas facilmente se tornam psychologos. E' de presumir. Os conselhos que insinuam neste ou naquella systema cultural não raro traduzem a observação paciente do que viram.

Basta lembrar as prescripções hygienicas de Mahomet, que conhecia bem o sordido Oriente. Lutheró, por sua vez, leu na consciencia geral dos homens quando se referiu ás creanças. — « Deus que as poz neste mundo, Deus olhará por ellas. » — E o pensamento, que pode ser confiadamente religioso, traduz o que tacitamente pensa, ainda que o não sinta, a maioria dos pais. A creança virá por si, hade desenvolver-se desde que não adoeça. E, si tal occorrer, não faltam medicos.

Por banal o meu protesto, não deixa de vir a ponto. Fala-se tanto nos meios especiaes de cultivar chrysanthemos, que talvez não seja ocioso recordar que ha umas outras plantas, mais complicadas e mais nobres, das quaes depende a felicidade futura e cujo futuro está em nossas mãos.

Pode não ser muito distincto e finalmente exotico enterreirar esse assumpto, mas cuido mais util que fazer colleções pacientes de cartões postaes.

Nem tema o leitor as asperas minucias technicas da medicina, sinão o desejo de lhe chamar a attenção para o mais trivial dos factos que se tem registado em nossa bellissima cidade. Deve ter notado que, em contraste com a pujança de vida que nos cerca, são aqui os meninos estiolados e molles. Ou magros, dando logo á vista a impressão de pobreza organica, ou de uma gordura branca e flacida. Creanças de rija carnção e rosea face. Creanças de Rubens ou Murillo, bem poucas são ellas, quando ainda ao collo das amas. E já nos cõllegios, ou antes desse tempo, ainda menos robustas se apresentam.

Que tudo depende das circumstancias do meio em que se agita o candidato a homem, — não ha duvidar. Mas essas circumstancias muito defeituosas em nosso paiz, não se mostram menos naquelles que costumamos citar como os modelos acabados do que existe de bom na superficie da Terra. Certo, aqui não possuimos requisitos de hygiene domestica e inspecção medica escolar, que opulentam os vetustos nucleos de civilisação, onde entretanto as condições de vida são muitissimo precarias e a densidade de população incomparavel á nossa. Por outro lado, o generoso sol e as benevolas florestas ainda protegem a saúde dos cariocas.

Ainda assim não podem fazer tudo. A vegetação corôa aqui e allí uns cabeços de monte, e poucos habitantes vão beber a essa fonte de oxygeno nascente. E o sol, que fecunda a natureza inteira, sò em poucos mezes do anno o não irradia demasiado no clementissimo calçamento de pedra. A população infantil vive então, ou na athmosfera confinada das escolas, ou nos pequenas pateos das casas, ou respirando pelas nossas ruas esse ar soberanamente impuro que vem aos pulmões de envolta com a poeira das cidades. E a poeira é o receptaculo de germens tão variados de doença!

Já se vê que falo dos meninos pobres. E foi para esses que o professor Northrup, de New-York, instituiu os *sun-play-rooms*. São grandes salas, envidraçadas, e acima dos ultimos sobrados. Orientadas com criterio, a ventilação refresca-as e procede á renovação do ar. Ao mesmo tempo, a luz solar banha o largo aposento, sem aquecel-o demasiado, empresta vida e alento ás creanças que passam horas brincando á vontade nesse clarissimo ambiente.

Não ha esquecer tão bello recurso, adoptavel a escolas e hospitaes, e muito de ser praticado em alguns mezes do anno, no Rio de Janeiro. Fica, porém, á distancia daquella fructuosa idéa, que immortalizou o nome de W. Bion, vae para trinta annos.

W. Bion não era um sabio, nem um letrado, nem um legislador. Era na Suissa um pastor modesto. Das montanhas de Appenzell trouxe os filhos a estudarem em Zurich, e notou que os rapazes entravam a definhar. Vindas as ferias, reconduziu-os ao clima alpestre. Reffloriram de vigor e saude. E a cada vez que voltavam do campo, estavam mais fortes e dispostos, e melhor estudavam.

Alegre com o resultado obtido, fez Bion propaganda do methodo em prol dos meninos pobres. Os paizes de civilisação superior adoptaram para logo a idéa. A Suissa, em vinte annos, mandou á montanha 30.000 rapazes; por anno, a Inglaterra mais de 20.000, a Allemanha mais de 33.000, a França

perto de 9.000. Algarismos inferiores, mas de não menos valor, são os da Austria, Dinamarca, Belgica, Hollanda, Italia, Noruega, Russia, Hespanha, Estados Unidos, Japão e Republica Argentina.

Não é o governo que toma a si tão meritorio empreendimento. São associações particulares, de homens sensatos e pouco idealistas. Alcançam um pequeno rendimento e com eile contractam o estadio em estabelecimentos ruraes, de clima saluberrimo, para meninos das escolas, durante o tempo das ferias. Segue chilreante o comboio carregado do rapazio. Chegados á estação, dividem-se os pensionistas por varias fazendas, onde ficam entregues aos proprios moradores. Um empregado da associação vae residir á parte, em proxima villa e visita quotidianamente os passeantes, e attentamente fiscalisa quanto ao agasalho de que gozem.

Como se vê, é simples devéras. Temos tão de perto de nós o remedio ás creanças que por aqui amarellecem no verão, suando abafadas noite e dia nos miserimos quintalejos do Rio! Da estação da Central ganha-se, com pouco, a Serra do Mar, e, vingada a Serra, do valie do Parahyba á Mantigueira, além desta ou muito mais perto, começa o Reino da Saúde. E' o Estado de Minas, com sua viúa simples e hospitaleira, que abre os braços aos pequenos enfezados da Capital... Porque não entregal-os, dois mezes por anno, ao carinhoso cuidado daquella gente sincera?! Juiz de Fôra está a tão poucas horas do Rio, e em seus arredores a natureza é prodiga de beneficios ao homem.

Não vou á irreverencia de condemnar as batalhas de flores, mas sempre arriscarei o sacrilegio de garantir que com o producto de uma, é possivel revigorar por anno algumas centenas de meninos pobres. E sómente revigorando-os podemos honestamente combater as devastações provaveis de perigosas doenças. Em lugar de vencer a disseminação do microbio, o que é utopia, trata-se agora de robustecer o organismo para resistir-lhe ao acommettimento. Isso é mais proficuo, e menos platonico, e já está assentado em sciencia.

Com effeito, os estudos a que procedeu na Italia, o dr. Oswaldo Federici, illustram, do melhor modo, a utilidade das «colonias de ferias.» Elle realizou indagações rigorosamente scientificas quanto ao estado dos pensionistas antes e depois da residencia no campo, e as conclusões falam com persuasão a quantos as conhecem.

As vantagens colhidas se concretisam em um mais rapido e proporcional crescimento, augmento de força muscular, riqueza sanguinea, augmento de peso, maior actividade organica.

E o mais é (consoante as pesquisas de Varrentrap, o propugnador de taes idéas na Allemanha, e feitas em mais de 8.000 creanças) que os beneficios armazenados difficilmente são perdidos, quando volta o collegial ao antigo regimen.

Ha então um victorioso resurgimento corporal. Mas encontra-se tambem uma tonificação do cerebro, como attestam os professores, que elucidaram a materia. E não só a creança mais apta se mostra á aquisição do ensino, como as suas noções se enriqueceram com a licção de cousas que a vida rural ministra, com a livre existencia em contacto com a natureza virgem. As idéas augmentam, o menino se fortalece, e o espirito ganha essa independencia de juizo para a qual tanto concorre o alheimento; ainda que temporario, do meio em que sempre se encerrou.

Parece-me que as colonias de ferias, velhas de 30 annos em outras terras, não precisam de mais apresentação. A desvalia do nome, que hoje as recorda a seus patricios, tem a amparal-a as maiores competencias da hygiene moderna. Que essas faltassem — e o leitor poderia verificar, com um pequeno dispendio, dentro de poucos mezes, a veracidade do que aqui fica asseverado, enviando ao clima do campo, alguma pobre e pallida creança do Rio, das consideradas em saúde, — já se vê. Tambem as colonias são destinadas apenas a essas, e que não excedam os 12 annos de idade.

Até o momento da experiencia, não será talvez descabida a inserção d'estas palavras de Spencer:

Quando os rapazes e as raparigas vão crescendo doentes e fracos, os paes ordinariamente consideram esse facto como uma desgraça, como uma punição da Providencia. Raciocinando por essa forma cahotica, entendem que os males succedem sem causas, ou que essas causas são sobrenaturaes. Completo erro. Muitas vezes essas causas são indubitavelmente herdadas, mas outras tantas procedem de methodos errados. Quasi sempre, os paes são os verdadeiros responsaveis de todos esses males, d'essa fraqueza, d'essa depressão, d'essa miseria. Encarregaram-se de vigiar, hora a hora, a vida da prole; com um desleixo cruel não quizeram aprender cousa alguma quanto aos processos vitaes que elles a todo instante violam com suas ordens e prohibições; pela absoluta ignorancia das leis physiologicas as mais simples, foram minando dia a dia a constituição dos filhos; condemnando, assim, á doença e á morte prematura, não só a elles, mas a descendencia.

SCIENCIA E INDUSTRIA

LAGRIMAS

Suor das almas cruciadas, sôro dos corações espremidos pela dôr, rocio bemfasejo das flores d'alma, do pezar, das dores, das alegrias, as lagrimas têm sido para os poetas um manancial inestinguível de inspiração. Nas gottas crystalinas, desbordando de bellos olhos, se reflectem as mais commoventes imagens com eloquencia conquistadora, mais valiosas que palavras, dizia Ovidio.

Shakespeare via um inferno de feitiçaria no diminuto orbe de uma lagrima. Para S. Bernardo, das lagrimas dos penitentes se fazia o vinho dos anjos. Ellas tem a magia de commover o proprio Deus. Por isso, diziam os hebrêus: quando se fecham as portas da prece abrem-se os diques das lagrimas.

No curioso trabalho — Revelações do corpo humano —. James Scott dedicou ás lagrimas estudos especiaes, levando-as das regiões ephemeradas da poesia para o estreito campo do microscopico, reduzindo-as a vulgar secreção de uma glandula, cuja função de lubrificador do globo occular pode augmentar em copioso pranto, conforme as excitações violentas do trigemeo com relações psychicas ainda envoltas no mysterio do aparelho cerebral.

Em repetidas experiencias, descobriu o sabio investigador que são as lagrimas salgadas, por estarem impregnadas de sal commum e phosphato de sodium.

Vista ao microscopio, uma lagrima secca parece um escripto cheio de pequenos crystaes de variegada fórma e finamente cinzelados em cruces esparsas, ou reunidos em palma de féto arborescente, como jóias de precioso labor.

James Scott fez experiencias nas lagrimas de seus olhos. Será curioso repetir-as com as dos olhos alheios para verificar si se obtêm resultados identicos em outras, ou si as de dor, de pezar, de alegria se consolidam nos mesmos bellos crystaes, ou tomam fórmas correspondentes ás commoções que as distillaram.

EFFEITOS DO BORAX

O dr. Wiley acaba de fazer proveitosos estudos para determinar as relações do borax, como preservador de generos alimenticios, com a digestão e a saude.

As experiencias foram praticadas sobre um escolhido grupo de moços voluntarios, submettidos a um regimen especial de alimentação de carne, ovos, leite, legumes e fructos da estação. A carne conservada, como os outros ge-

neros, foi guardada em geladeiras, rigorosamente esterilizada.

O preservativo foi empregado na fórma de acido borax e de borico, misturado com a manteiga e depois administrado em capsulas, começando por quantidades minimas, como as empregadas na preservação da manteiga e da carne, e augmentando-as progressivamente até attingirem ao limite de tolerancia para cada individuo.

As rações, como os *excreta*, foram cuidadosamente pesados e analysados. Um medico examinava, diariamente, os pacientes, seus pulsos e temperatura antes e depois das refeições. Eram registados os efeitos do borax sobre o peso do corpo, sua influencia sobre o metabolismo do nitrogeneo, sobre a oxidação da materia combustivel nos alimentos, e sobre os rins.

Os mais interessantes resultados desse estudo, foram: que o borax e seus equivalentes, tomados com o alimento em pequena quantidade, 7 1/2 grãos por dia, nenhuma perturbação apreciavel produzem; mas os symptomas dos casos de prolongado uso de pequenas doses ou de maiores em curtos periodos, indicaram uma visivel tendencia para diminuir o apetite e produzir uma sensação de fatura e máu estar no estomago, ás vezes nauzeas e peso, ou fortes dores na cabeça.

A administração do acido borico na dose de 4 ou 5 grammas por dia produziu, na maioria dos casos, perda de apetite e indisposição para todo o genero de trabalho.

Ficou fixado em 4 grammas diarias, o limite de tolerancia para cada homem normal.

Concluiu, portanto, o paciente investigador, que o acido borico e os equivalentes do borax em certa quantidade, se deveriam restringir aos casos em que for imprescindivel ou não forem applicaveis outros methodos — de preservação, ou em quem os efeitos da decomposição dos alimentos não conservados, forem mais deletérios que o do preservativo. Nesta hypothese, o dr. Wiley aconselha para protecção da saude dos moços, dos debilitados e dos doentes, que os alimentos conservados contemham no rotulo a quantidade de borax empregado.

Esse conselho não seria impertinente, como excellente cautela hygienica num paiz como o Brasil, cuja população consome grande quantidade de artigos alimenticios importados, e, na maioria, inquinados de fraudes diversas na fabricação, sendo de notar que consumimos artigos marcados com a observação — *para a exportação* — o que equivale a ser a circulação delles prohibida nos paizes de origem.

O ALMIRANTE (2)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

CAPITULO I

O inerme servidor do Imperio respirou desafogado quando desceu no largo de S. Francisco de Paula, cheio de patrulhas armadas de carabinas, contendo a multidão apinhada em timida curiosidade para ver um homem fuzilado, summariamente, por tentar uma *rasteira*. Erão ordens da policia, ordens implacaveis, indispensaveis para manter a segurança dos cidadãos, o socego da cidade, as garantias da propriedade, preserval-os das façanhas da capoeiragem, assanhada em maltas assassinas e muito perigosas naquella crise social.

— Queriam sangue — pensou o Conselheiro, esgueirando-se pela travessa de S. Francisco — Ahi têm para o baptismo da Republica, salpicando o pedestal da estatua do patriarcha José Bonifacio.

Chegando a casa fatigado dessa excursão que lhe parecia uma dolorosa humilhação, elle contou tudo á mulher, muito satisfeita pela fidalguia do acolhimento de Deodoro. Apesar da divergencia de idéas e de lhe não perdoar a iniciativa do lance victorioso, ella não lhe contestava o valor, evidentes linhas de superioridade, e, sobretudo, certa firmesa de tacto para conhecer os homens de real merecimento. Era de habil politico attrahir os homens do desmoronado regimen, estadistas experimentados, criteriosos, cujas luzes seriam, mais tarde, imprescindiveis, para se corrigirem os desmandos, os excessos dos moços inflammados de paixões subversivas, desviados, desde a escola, pelas idéas hereticas de uma republica sem Deus, talhada pelos moldes dictatoriaes da philosophia de um lunatico. Os homens feitos, os velhos, representariam o criterio, a prudencia, pondo freios energicos aos interesses subalternos dos exploradores dessas crises, tão repetidas nos processos da historia; reprimindo as ambições criminosas dessa vasa que a agitação elevava á tona e sujaria tudo, afastando, como suspeita, a gente limpa, os homens de talento, e dominando toda a politica, como o desbornamento de um pantano. Elles, os depositarios da experiencia de um passado glorioso, seriam os salvadores dos idéaes da revolução incruenta, seriam os pilotos dessa não, entregue aos caprichos dos ventos e á perfidia das ondas pelas mãos ingenuas dos moços, dos poetas e sonhadores, como garbosas galéras, adornadas de flores, rebocadas por serêias a nadarem celeres no mar glauco, enfunadas as pandas velas de purpura

por zephiros rochunchudos, sympolizando a illusão do primeiro passo desordenado e temerario.

Deodoro era um politico de vista certa e forte pulso: não desdenharia desses auxiliares preciosos que a turba ignára chamava, com sarcasmo, adhe-sistas.

E a prova dessas qualidades resalta-va, eloquente, do facto de haver, pouco depois da visita do Conselheiro, mandado pagar-lhe os vencimentos e lhe consignado uma pensão, até serem aproveitados os seus inestimaveis ser-viços.

D. Eugenia, impacientada pela de-mora do marido, passeava agitada da varanda para a sala de jantar, onde a comida esfriava em longos pratos ovas de metal branco, sobre a meza adorna-da de flores, de cystaes e porcellanas, saudosos vestigios do antigo esplendor.

A sombra gigantesca do Corcovado alastrava sobre a chacara, amortecendo num tom melancolico, o brilho quente das espessas frondes das man-gueiras alinhadas em longa alamêda, até ao sobpé da montanha, escurecendo as ogivas graciosas das moitas de bam-bús farfalhantes á doce caricia das lu-fadas.

Amelia, num andar firme de soberba castellã nos seus dominios, percorria, lentamente, as ruas do jardim. Laura, para enganar o estomago, comia um pedaço de presunto com pão, estirada em postura indolente, no banco de ferro do serraço. E, como um éco das brisas, que vinham da Gavea, saturadas de perfumes, de sadias emanações mari-nhas, ouvia-se uma doce melodia evola-da do piano ao prestigio dos afiliados e longos dedos de Hortencia, enlevada naquelle sonho sonoro, como se ou-visse estranha voz mystica modulando as palavras não escriptas, o sentido da letra do romance de uma alma ma-goada. Ella tocava indifferente ao tempo, á treva que invadia a sala ve-lada por tapeçarias pesadas, cheia de velhos moveis de jacarandá, severos e tristes como phantasmas da opulencia morta.

— Papai, papai — bradou Laura, correndo para o jardim ao encontro do Conselheiro, que empurrava o grande portão de ferro, fazendo tilintar, agitado, o sino pendente de uma espiral de aço.

Amelia aproximou-se de vagar. Deu a frente a beijar ao pae, que Laura abraçava com gestos de criança e beijou-o com ternura commedida. D. Eugenia esperava o querido retardatario no alto da escada de marmore.

— Estava anciosa por ti — disse ella — Pensei que te houvesse embaraçado coisa importante. Nunca te demora-te tanto... E logo hoje que a cosinheira me pediu para sahir mais cedo para cuidar de um filho doente que

tem de levar ao medico... Não te lem-bravas que não podemos faltar á recepção da marquezia...

— Ai, filha estou cortado de fadiga — anciou o conselheiro, derreando-se numa cadeira de vime.

— Qual foi a causa da demora?

— Eu te conto. Tivemos hoje uma importante sessão do Instituto. A coisa prolongouse, além dos nossos calculos. Discutimos, com certo calor e com a erudição habitual daquelle as-sembléa de notaveis, uma tran-scendente questão de historia patria. Não havendo accordo possível entre as varias opiniões, coube-me, por descnto de meus peccados, a tarefa de redigir-as duvidas: fui encarregado peloe meus illustres confrades de redigir uma memoria sobre o verdadeiro sitio da execução de Tiradentes. Dizem uns que esse sombrio caso aconteceu para os lados de Matta-cavillos; affirmam outros que foi no largo de S. Domingos; ha, finalmente, quem, com as mãos cheias de razões e de provas, conclua que o supplicio se realizou no logar hoje occupado pela empreza de carros funebres. A escolha da minha humilde pessoa para tão honrosa incumbencia foi, talvez, devido ao facto de não haver eu emittido a minha opinião.

— Grande tolice — exclamou a ma-trona — Esses homens sérios não tem que fazer? Que importa a nós, á política, á Republica saber onde morreu o tal barbeiro...

— Olha que foi o proto-martyr da Inconfidencia... E' esta a minha opinião official. Bem sabes que, nesta quadra, um homem sensato deve ter opiniões opportunas, principios de occasião, uma especie de traje mental que a gente deve mudar conforme á temperatura...

— Perdeste então o teu tempo, affligiste a familia por causa dessa tolice?...

— Verdade historica sobre o martyrio...

— Que martyrio!... Foi castigado na forca e muito bem enforcado para servir de exemplo aos outros malfeitores cheios de fumaças de liberdade, de rebeldia cruel, de concomitancia com meia duzia de desmiolados traidores ao seu rei, ao seu bemfeitor. Ah! nós estamos soffrendo as consequencias da generosidade do nosso amado monar-cha. Se elle tivesse estrangulado, no nascedoiro, a hydra, não estaríamos agora penando na desgraça de um erro imperdoavel. Deus me perdôe. O Imperador é culpado, pela bondade, pela tolerancia, dessa calamidade. Bem te lembrás que ser republicano era para elle um titulo de merecimento para as graças, para os empregos e até para subir aos mais altos cargos do Im-derio..

— E' verdade. Mas a corrupção sempre foi uma das mais certeiras armas da politica.

— Para taes resultados seria melhor não a empregar. A melhor norma seria não dar quartel aos inimigos. Quem não é por mim, é contra mim. Uma corja de ganhadores hobreando, senão preterindo a gente fiel e a gente de lei...

— Pois não te resignastes ainda?

— Isto ha de morrer commigo, esta magoa me ha de levar á sepultura. Pensar que fomos cumplices do desastre com a nossa politica de pannos quentes... Não... Não... me resigno.

E continuou a imprecar, acompa-nhando o marido que fôra mudar a roupa, alliviar os pés nuns queridos sapatos velhos.

Ouviam-se ainda, á surdina, como um éco distante, quasi apagado, as harmonias do piano de Hortencia, que não dera pela chegada do pae. Foi preciso mandar chamal-a por uma das mucamas.

— Apagaste o gaz da sala — perguntou-lhe a mãe quando ella appareceu, movendo-se languida, e arras-tando o vaporoso vestido de surah azul celeste, todo enfeitado de rendas molles — E' um consumo de gaz que nos arruina...

— A sala está escura — respondeu a formosa moça, num tom avellupado e sonoro — Não reparei que escurecia... — Tu, filhinha, parece que vives a sonhar.

As duas irmãs sorriram com certa malicia, e trocaram expressivo olhar.

Nesse momento voltou, o conselheiro e tomou assento numa espaldar á cabeceira da mesa.

— E' verdade — disse elle, ao en-cetar um tassalho de carneiro assado, com molho de vilão — Estive com o Almirante...

— Ah!... Que te disse o ingrato — arguiu D. Eugenia.

— Esteve quase a vir partilhar o nosso jantar; mas era tarde e tinha de com-parecer a uma conferencia urgente com o ministro. Enviou muitas lem-branças a todos, muitas saudades, e a ti, Hortencia, a sua querida boneca, os beijos do costume e uns marrons glacés (esta minha cabeça) que estão no bolço da sobrecasaca.

Hortencia sorriu e partiu, lésta, á procura dos marrons, a sua gulodice predilecta.

— E — continuou o Conselheiro, de-bulhando com esforço a cansada memoria — umas gardenias, que estão sobre a commoda para Laura... uma caçoletta com um trevo de quatro folhas para Amelia... Cá está no bolço do colete... Esta minha cabeça. Parece que tenho nos miolos Tiradentes e a forca...

— O nosso querido Oscar, tão bom, tão amavel com as meninas, não se

esquece de nós... Amigos como aquelle, se nos ajudasse com o seu prestigio, com as suas sympathias na marinha...

—Estás sonhando Gininha— atalhou o Conselheiro, espantado, e lançando um severo olhar á esposa.

—O Almirante é um soldado tão leal á republica quanto foi dedicado á monarchia. E' um philosopho, um opportunist, como todos os homens superiores. Não faz questão de governo. Qualquer que ella seja, será um servidor da patria.

—E' isso, a banal escapatoria: servir á patria, como se isto os preservasse da vergonha de estarem servindo á republica, a essa...

O marido supplicou com o olhar, e ella estacou, suffocando uma das costumeiras manifestações de entranhado odio, que somente transigia e se amoldava, quando lhe occorria a contingencia de manter a pensão, os meios de subsistencia da familia, o futuro das filhas, tres moças que ella, na cegueira do estremado affecto maternal, considerava sempre meninas, nessa infancia convencional, que chega, ás vezes, aos cabellos brancos.

Terminado o jantar, dirigiu-se o Conselheiro para a varanda e começava a fazer o chilo, beatamente recostado numa poltrona de vime, quando d. Eugenia lhe notificou a visita á marquezia de Uberaba.

—Sabes, Gininha— observou elle, á puridade, com gestos desconfiados— por meu gosto reduziriamos ao minimo possivel as nossas relações com aquella nobilissima senhora.

E como a mulher estremece-se tomada de surpresa, elle continuou mais submisso e mais persuasivo:

—Ninguem mais do que eu a considera e lhe preza as inestimaveis virtudes; mas... acho que nos arriscamos com essa intimidade...

—Pretende interromper relações tão velhas, cultivadas com tanto carinho?...

—Pois não sabes— tornou elle, baixando a voz— que ella conspira... que aquelle palacio é um foco...

—Ora, Antonino— tornou d. Eugenia, com um sorriso zombeteiro— Quem não conspira nesta infeliz terra... Até o governo, que é o maior inimigo da republica, lhe vae cavando os alicerces assentes sobre areia como uma construcção feita ás pressas... Se o governo a está demolindo, nós é que havemos de a sustentar?...

O Conselheiro não discutia com a mulher: aventava timidas objecções e recuava submisso. Estava habituado do a se deixar governar pela esposa, e lograva com essa alienação das suas prerogativas de chefe de familia, da sua experiencia de homem culto, um certo bem estar e a exoneração de preoccupações miudas, que perturbariam a placidez de seu espirito affeito á se-

renidade de cogitações superiores. Era ella, a excellente e dedicada esposa, quem administrava o magro patrimonio da familia; cuidava do marido com inexcedivel solicitude; comprava-lhe a roupa, livros e lhe indicava os deveres sociaes indeclinaveis, as visitas, os parabens de anniversarios natalicios, todas as insignificantes cortezias que mantêm as boas relações de amizade, e o comparecimento ás missas de septimo dia, que constituíam para elle uma devoção, o culto dos mortos.

Nessa accasião, porém, elle ousou insistir numa ponderação, toda forrada de cortezias e de ternura.

—Quero pedir-te, minha querida Gininha— um especialissimo obsequio...

—Esfriar as nossas relações com a marquezia?

—Não, não tanto. Iremos vel-a quantas vezes quizeres; mas, é conveniente que, no meio de tanta gente de todos os credos politicos, antigos liberaes e conservadores, adhesistas forçados, resignados ou voluntarios, alguns suspeitos de espionagem, não te mettas a falar em politica.

— Bem sabes que somente me arrisco a emittir as minhas opiniões aqui, entre nós, na intimidade da familia. E' um desafio.

— Não é tanto assim. Tu não te podes conter, mulhersinha da minha alma; dás á lingua e, adquirido o impulso, vae tudo razo: exaltas-te, tomas calor...

—Eu, que sou a creatura mais calma e mais discreta deste mundo?!

— Não ha duvida. E's muito conveniente, muito discreta; mas não ha como a politica para apaixonar os mais frios...

— Pois tu me accusas de tamanho defeito?

— Não accuso: faço-te uma ligeira observação, ao meu ver, nada fóra de proposito. A' ultima vez que lá estivemos, vocês, senhoras, se empenharam numa polemica ardente sobre o divórcio...

— Querias que eu ouvisse impassivel os ataques perversos aos fundamentos da familia; que nós, mães zelosas pela santidade do nosso lar, pela felicidade das nossas filhas, deixassemos passar sem protesto as theorias immoraes da baroneza, do Castriño, os paradoxos do conselheiro Souza e Mello, um velho gamenho, todo derretido pela mulher daquelle juiz carolho, quasi cego, torto como a justiça que elle distribue?

— Ah! estás tu tomando calor.

— Querias que me não oppozesse em todos os lugares e por todos os meios, a essa propaganda indecente contra o casamento, feito por meia duzia de interessados?

— Considera, querida, que o assumpto é muito escabroso para ser tratado em familia.

— A prova de que não fomos inconvenientes, nem foi inutil a discussão é que conquistamos o apoio de um deputado. Como se chama aquelle moço elegante, de cabellos negros annellados, de grandes olhos melancolicos, barba Andó, com ares de tenor? E' um dos maiores oradores da Camara. — Foi eleito por uma das provincias do Norte. Ah! O Sergio de Lima.. Que Lucidez de idéas, que firmeza de principios! Como elle diz bem as coisas com aquella voz macia e timida... Aquelle vae longe...

— Bem, bem. Tiveste razão daquella vez, mas não tomes a palavra para discutir com tanta vehemencia.

Eu te admiro. Tu ficas eloquente; vibras como um tribuno; mas, attende-me: não discutas politica nesta quadra de perigos para a liberdade de pensamento. Sim... Promette-me?...

D. Eugenia não respondeu, e o marido continuou:

— Confio absolutamente no teu criterio; tenho eu, entretanto, razões poderosas para te aconselhar o retrahimento como vantajosa medida de prudencia..

— Pois serci muda, como um peixe.

— Eis aqui a minha Gininha sempre razoavel, sempre attenciosa para com o seu velho.

—O que não conseguirem de mim...

— E's um anjo de bondade. Vamos, vamos á casa da marquezia.

(Continúa)

FIALHO D'ALMEIDA.

Damos um lindo trabalho de Chrispim do Amaral. E' a caricatura de Fialho d'Almeida, o artista do *Paiz das Uvas*, da *Cidade do Vicio*, da *Lisbôa galante*, dos *Contos*, dos *Gatos*, das *Pasquinadas*, d'*Á Esquina* e da *Vida Ironica*. Tambem publicamos a sua auto-biographia, a cuja scintillação não nos seria possivel attingir, si quizeramos falar do grande espirito portuguez.

O THEATRO

A revista desses dous Alvaros, um Colás e outro Peres, que alvorou ha poucos dias no *Recreio*, não caceteia a paciencia de ninguem. Não caceteia nem enjôa. Agrada. Pode ser ouvida de fio a pavio, sem abrir a bocca, sem cochilar. E' o bastante e é muita coisa.

E tem ainda uma outra recommendação: não traz arrebiques litterarios. Veio para ser revista e nada mais, e nada mais é do que uma revista. A pretensão dos que a fizeram, não foi

ter um retrato na futura galeria do futuro theatro que vae ser municipal, foi simplesmente encher o Recreio.

Os versos são até máus. Mas, foi melhor assim. Já todo o mundo está cansado de ver a pobresinha da litteratura andar por ahi arranhadamente escripta com tinta vermelha nos priscos quadris da sra. Delorme.

Outra coisa ainda : a peça faz rir. E' verdade que a pilheria não desfia suavemente do entreccho, como devia ser. Vem ás vezes de chôfre, aos pulos como um palhaço, mas vem com nexo, sem rispidez e quasi sempre feliz. Passagens ha onde a pilheria não é de todo farta, essas mesmas passagens agradam pela naturalidade forte, pela observação do ridiculo, pelo ridiculo dos factos mais recentemente em flor.

A musica, como era de esperar, de José Nunes e Assis Pacheco, é boa. Também é boa, também agrada. Mas, (neste *mas* é que é a coisa) mas, (novo parenthesis para pedir perdão aos mestros pela nossa petulancia) mas, falta-lhe um certo *quê* de saltitante ou, melhor, (este *melhor* é mais expressivo) a nota popular das musicas de revistas. Vocês comprehendem perfeitamente o que eu quero dizer: falo dessas musicas irrequietamente alegres, que nos ficam de rapido na memoria, que bolem cá dentro d'alma, que caem no gôto da gente e que a gente, ao sahir do theatro, vae trauteando pelo bonde, como se trauteou logo á primeira audição, o «sou cocheiro das cocotes», da *Capital Federal*. Entenderam? Pois isto que falta. Não é sómente isso. Existem também nos dous trechos, que podem ser muito bonitos para quem entende da arte da semifusa, mas para o grosso do povo e para o grosseiro do nosso gosto, desagradam. *Verbi gratia* : o couplet da Rhetorica. Francamente, achamol-o carrancudo e feio. E mais feio ainda foi a lembrança de pol-o na garganta da sra. Delorme, que, desde muitos annos, tem a *cuja* refrescada nas laranjas da Sabina. A respeitavel senhora não está no seu elemento, e fracassa.

Mas para que havemos de dizer que não ha um trecho onde o cunho popular palpita. Ha. E o Trio dos Serestas (*sic*), onde se sente que é disso que uma revista precisa, que é nesse tom que se deve musicar uma revista. E por falar em Serestas, falemos do Manduca. Os senhores repararam bem no Manduca? E' para mim (com licença das autoridades) a melhor coisa que fizeram os dous Alvaros. Causa pena e até mesmo irrita, que esses dous moços não tivessem aproveitado mais carinhosamente um typo tão nosso, tão bem feito como esse trovador de serenatas.

Com os diabos! já que tiveram a ha-

bilidade de fazel-o tão verdadeiro e tão bom, tivessem também a habilitade de não deixar a gente com agua na bocca, trazendo o Manduca da primeira á derradeira scena com realce em tudo! Uma figura dessas, não se perde, nem se faz passar ligeiramente numa revista; afaga-se, avoluma-se, mandando-a metter o beldelho em toda a parte, opinar e discutir desde a futura presidencia do sr. Campos Salles até ao novo livro de Eduardo das Neves, desde a musica bolorenta do realejo do Parque até á so-vada questão da galera Suzana.

Fal-o o sr. Olympio Nogueira. E o faz com tanta graça e tal destaque que elle se pode cnamar, sem engrossamento, o homem da revista. E o Manduca se inpnõe de tal forma que, desde o primeiro acto, tem-se vontade do segundo para vel-o surgir em scena, de violão ao peito, mandando « aguentar o sustenido » e cantando trovas. No segundo, têm-se desejos que o terceiro chegue, para o vermos de novo, pernóstico como um mulato, no arraiil da Penha, a cantar modinhas ao lado da amante, entre o pessoal da pagodeira. A pagodeira da Penha... está um bom quadro. Alegre, naturalissimo, ridente e sobretudo engraçado. As pilherias se crusam docemente, e o riso rebenta da propria scena, sem o artificio das caretas dos actores. E mais alegre e mais brasileiro se torna quando apparece o Manduca. Outro quadro bem feito é o *Alma Penada*. Não só bem feito pelos dois Alvaros como pelo pintor Marroig. Este sr. Marroig deu-nos também uma bella scenographia no palacio Politicopolis, como o inimitavel Chrispim no trecho da rua do Ouvidor, na *Nuvem Negra* e no *Arco da Velha*, e como Emilio Silva no *Viva a Penha* e no *Coisas e loisas*.

A respeito de voz, a sra. Pepa é que a tem mais delgada. Canta menos mal. Muito má, porém, é a tal vestimenta do *Cartão Postal*. Além de ser barata, é detestavel.

Si não fosse o bonito rosto da sra. Lucilia Peres, o *Cartão Postal* ficaria simplesmente horroroso. Afora isso, todo o enroupamento é caprichoso e caro, ou simulando carestia.

JUSTUS JUNIUS

**

O actor Mesquita, que já tem palmilhado todos os caminhos e veredas nesse negocio de theatro, organisou uma empresa, — Mesquita & C. — que assentará o seu palco no Apollo. A sua companhia estreará com a revista *O Badalo* — unica coisa que a intelligencia do publico está solicitando da intelligencia dos auctores. Haverá uma estréa — a da amadora sra. Maria Amelia, que naturalmente espera vencer na vida, passando pelo palco. A empresa tem o concurso dos actores Peixoto e Machado. Os papeis já estão distribuidos.

MME. SARAH BERNHARDT (EM FÉRIAS)

No mez de agosto, mme. Sarah descança da sua vida activissima, talvez ainda mais activa depois que esteve em Norte America, onde ganhou uma fortuna que lhe bastou para comprar um theatro.

No mez de agosto ultimo, foi para Belle-Isle — en Mer, onde possui uma adoravel residencia comprada e melhorada por ella, ha alguns annos.

Foi passeando no mar, costeando num barco de recreio, que mme. Sarah notou o pittoresco recanto, que logo depois fez seu, por uma aquisição que lhe custou algumas centenas de mil francos.

O Fort — des-Poulains é hoje uma excelente vivenda e é ahi que todos os annos Sarah vae passar algum tempo, com seu filho, sua nóra e netos.

Alguns amigos, dos muito intimos, frequentam-lhe: mlle. Abbema, mrs. Georges Clairin, Haraucourt e alguns outros.

Vimos alguns retratos da illustre artista, tirados ahi e reproduzidos na *Illustration*. Um nos mostra, em larga photogravura, Sarah Bernhardt jogando o tennis com o pintor G. Clairin e mais um amigo que se não sabe quem é, nem pela gravura, nem pela nota explicativa.

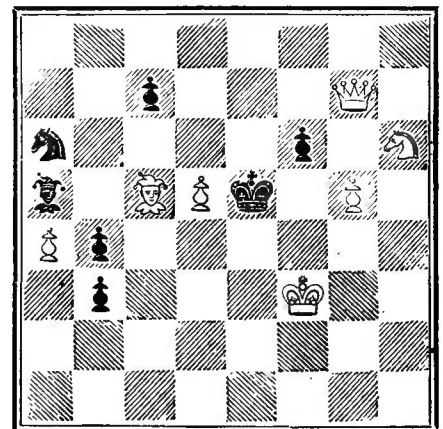
Num outro, Sarah, de saia curta, sentadinha num rochedo perto d'agua, está com uma mão na cabeça e outra em geito declamatorio (?)

Muito *modern style*, como sempre, a inimitavel, a graciosa, a fascinadora Sarah...

Que teria feito ella da sua serpente dipsomaniaca, do seu caixão de defunto e de outras excentricidades assim?

DIVERSÕES

Poblema N. 1



As brancas jogam e dão mate em tres movimentos.

A LIVRARIA

TROVAS DE HESPAÑHA--AFFONSO CELSO
LAEMMERT & C. EDITORES

Quando vi, aliás com sympathia, a capa, das *Trovas de Hespanha*, logo me acudiu que esse titulo, horrendamente enquadrado, fosse uma extravagancia. Eu não imaginava, muito menos sabia no sr. Affonso Celso, essa doce e quasi vadia pachorra de voará Hespanha para buscar, e depois despejar do bico da sua penna, excessivamente nacional, os cantares, as queixas, as maximas, os anceios, as supplicas, as exagerações que d. Melchor Paláu reuniu, no desejo de dar, como elle diz, a autobiographia do povo hespanhol. Não é,

de certo, inutil, a lembrança do poeta brasileiro.. Talvez, mesmo, haja publico, entre nós, com tanta gente hespanhola por este mundo do Brasil, para esse livro, cuja factura obedeceu, sem duvida e sem deshonra, a interesse mercantil.

Eu penso, porém, e, commigo, os senhores, que o auctor, exuberando todas as qualidades, todos os carinhosos cuidados desses labores, deveria, antes, gastar o seu gosado tempo em enfeixar todos os soberbos generos da nossa poesia popular. Nesse sentido, Juvenal Galeno, no Ceará, Sylvio Romero, Mello Moraes, no Rio, desenvolveram, com muito amor, com muito zelo, com muita canceira, as diligencias mais fortes, mais pacientes. As *escavações* desses pesquisadores, dos quaes excelle o simples poeta cearense, pararam na poesia chã do Norte, uma poesia de imprevistos, de grandes aspectos inesperados, feita aos dengues dos violões e ás estridencias das viólas, por noites dentro, aos improvisos. Mas, o Sul tambem canta, ou magúado, ou alegre, ou furioso. E não importa dizer que as suas cantigas são insipidas, sem tom, sem musica, ermas das flammis tocantes da *lettra* septentrional, menos bellas, menos emotivas, menos expressivas da alma popular.

A pobreza, a todos os titulos, das trovas do Sul, não é motivo para serem abandonadas. Até como um contraste das delicias dos trovadores nordestistas, seria bom, seria interessante reuni-las.

E ninguem, melhor que o sr. Affonso Celso, faria excellentemente esse serviço. Ao menos nesse particular, o Sul, tão fertil, tão farto de toucinho, de manteiga, de xarque e de matte, não continuaria a se sentir da incrível, da laméntavel desproporção que, na *provincia intellectual*, todo o mundo conhece e quasi chora.

E' verdade que o trabalho de conseguir elementos para dar um volume das nossas poesias populares, é um pouco mais difficil que traduzir as trovas de Hespanha. Mas, sobretudo, o esforço valeria patrioticamente. De industria, emprego o adverbio, que tranquillisa, falando de um escriptor interessado, sempre, em nos aguçar ufancias do Brasil depois de um tirocinio de inutilidads literarias. O sr. Affonso Celso, apesar do que se pode objectar, acha que é bom intuito «tornar conhecidos no Brasil alguns traços interessantes daquella autobiographia, receber, e, si possivel, transmittir aos leitores essa licção.» Alguns dos cantares «acham-se literalmente traduzidos; outros pela impossibilidade da versão, paraphraseados; de outros, apenas se aproveitou a idéa, emprestando-se-lhe forma completamente nova; bastantes, suggeriu-os apenas a leitura da colle-

ção hespanhola. A todos deu-se rima, inexistente ou incompleta no original.» As trovas são magnificas, magnificamente traduzidas. E mesmo a esse proposito, pode-se ir mais longe, permittindo ao auctor a licença de dizer calmamente, esta quadra do livro:

Um trato deste jaez
Ha entre mim e o aprendiz.
Sahiu máo? Elle é que fez
Sahiu bom? Fui eu que fiz.

WALFRIDO.

* * *

LIVROS RECEBIDOS:

— *O Diario de Margarida*, ou os dois annos preparatorios para a primeira communnhão, por mlle. V. Monniot, traducção brasileira, edição de luxo, primorosa, da casa H. Garnier, 2 vols. —

— *Gil Braz e Santilhana*, por Lesage, traducção brasileira, de H. Garnier, 1 vol. —

— *Terceiro livro das creanças*, lindamente illustrado, muito interessante, com uma lição de desenho; bem cuidado, que estimula no menino, o gosto á leitura, edição de H. Garnier. —

— Seis fasciculos do vol. 1, de 1904, da *Revista Agricola, Commercial e Industrial Mineira*, publicação mensal da directoria de Agricultura de Minas.

A Republica e o Encilhamento

O conservatorismo brasileiro não comprehendeu nem o Quinze de Novembro nem o Encilhamento. Estes dous vocabulos se accumulam na sua imaginação de horrores indiziveis. Na sua curteza de vistas e lastimavel fatuidade, no seu pedante egoismo e na sua crassa ignorancia, o elemento conservador brasileiro ainda espera trahir a Republica a que adherio sem saber porque e ainda julga que póde se desviar da corrente progressista a que o actual governo está dando um tão prestigioso impulso.

O nosso conservador tacanho, na sua immobilidade magestatica de Boudha sentencioso jura, com os quatro pés juntos, que desse passado tão proximo não ficou uma só reputação incolume e uma só idéa de pé.

Porque soffreu indistinctamente a influencia de bons e máos, de revolucionarismos perigosos e de sãos principios democraticos, de verdadeiros homens de estado e de impostores indefensaveis; porque se metteu não sómente em bôas, como tambem em emprezas ruinsas; todo esse tão proximo passado lhe parece ter sido as duas largas portas por onde entraram o declínio da fortuna publica e o desarranjo irreparavel da machina de governo.

O seu ponto de vista está tomado, sem maior exame, do erro inveterado em que se acoitou; e a resolução a que

se fixou foi a seguinte: nada fazer, deixar o navio se safar como puder do charco de pouco fundo em que se arrasta, tendo-se atirado para adiante a todo o vapor, como se desde o dia 15 e como se desde os primeiros symptomas da febre industrial, a nau poderosa em que todos nós estamos, tivesse de começar logo a navegar em mar alto.

Mas importa saber antes de tudo, que influencias modificadoras trouxeram á actividade politica os novos elementos que entraram no scenario republicano, após a grande data em que nos emancipamos da monarchia artificial e inepta de d. Pedro; que doutrinas e que processos de governo trouxeram os novos contingentes que Gambetta chamaria «as novas camadas», que beneficios teve o organismo social com as novas tendencias industriaes e que alterações ellas impozeram, por exemplo, á educação nacional.

A Republica e o Encilhamento são, na verdade, os dous factos capitaes da nossa historia contemporanea.

O primeiro d'estes dous acontecimentos fechou o cycloglorioso de lucta republicana que se synthetisa n'estas duas datas: 1710 — 1889. O segundo foi o começo da americanisação do Brazil, o despertar agitado de um longo marasmo economico, uma florescencia pujante e rapida das nossas energias adormecidas pelo rotineirismo caduco do Imperador,—um estadista cuja capacidade politica não foi em nada superior a dos dous mil ou cinco mil mandá-chuvas que faziam a politica de campanario, nos altos sertões do paiz.

Com o 15 de Novembro e o Encilhamento, homens novos e idéas novas fizeram uma irrupção no scenario do poder. D'estes homens novos e destas idéas novas, que aliás não serão considerados dentro em pouco senão como precursores de idéas e de homens ainda mais adeantados e ainda mais aptos á evolução do paiz, alguns d'elles e algumas d'ellas eram realmente aproveitaveis e necessarias.

Mas a sociedade brasileira, com uma indifferença revoltante accitou todos novos homens e todas as novas idéas, sem discernimento, sem resistir convenientemente aos homens que não convinham nem para legislar nem para administrar; sem reagir como devia contra certas idéas politicas anarchisadoras e mofadas, tiradas quasi todas, do velho arsenal carnavalesco da Revolução Franceza.

O Brazil accitou tudo, o bom e o máo, o máo e o pessimo; e agora se queixa de tudo e de todos, sem dividir responsabilidades, sem sentimento de justiça, sem vontade de ser exacto e imparcial.

Constatemos como é nullo o poder de resistencia das idéas e dos homens n'esta nacionalidade. Encontra-se, aliás, um simile perfeito para o caso, na fraqueza estranha das faixas do littoral do norte amazonico, diante das investidas do oceano, descriptas pelo sabio francez Elyseu Réclus, nas paginas cento e quarenta e cinco e cento e quarenta e seis do decimo nono volume da sua *Nova Geographia Universal*.

Da-se n'essa orla maritima do nosso territorio um esboroamento gradual, sem que a terra possua o granito que accete a lucta com a violencia do mar.

A argila e o grés se fragmentam, absorvidos no avanço incessante das aguas, ao assalto rude das ondas que fazem lentamente recuar os seus limites naturaes.

Não é pois sómente na nossa natureza moral que tal incapacidade de defeza existe.

Mas na vida politica de um povo, a selecção, producto constante da civilisação, vae constituindo um sedimento de principios, tendencias, tradições e compromissos moraes que, arraigados nos nucleos mais homogeneos da actividade social, constituem uma solida muralha ás oscillações tempestuosas da furia sempre renascente da demagogia.

Não existe, no emtanto, entre nós essa garantia de ordem e estabilidade.

Estamos presenciando diariamente a somnolencia ridicula e a pusillanidade esboroante da sociedade brasileira, que tudo soffre e legitima, na ausencia de uma cohesão social desapparecida ainda em embrião, aliás inviavel, na voragem da abolição e da republica, que arrastou com a queda do throno e a eliminção do trabalho escravo, o paiz ainda cabeceando de somno, para a jornada civilisadora, que ainda não acabamos de trilhar, e em que temos de alcançar pelos nossos propios esforços, a democracia e o progresso, a consciencia inteira dos nossos deveres e direitos politicos e a comprehensão nitida da necessidade e da dignidade do trabalho livre.

O elemento conservador na sua vaidosa presumpção de lhe dar « ordem e progresso » segundo o lemma positivista, vae cada vez mais atrophando o seu instincto de conservação até ao absoluto cretinismo do patriarchado russo. O pacatismo do burguez do Brazil cheio de apolices, de titulos de hypothecas e de *carnets* de chéque de diversos bancos só é, na verda le, comparavel á insensibilidade doentia do servilismo moscovita. O elemento conservador de ha muito que se tornou aqui uma ficção; e emquanto os representantes das profissões liberaes desertam o posto de honra, esquivando-se sempre ao rigor das campanhas politicas, o miu-

do povo se converte á plasticidade completa da gelatina, tão util ao advento das tyrannias, agglunitando-se n'uma massa informe e malleavel, inconsistente á pressão mais insignificante dos demagogos e reaccionarios de todos os feitios.

As raras individualidades brilhantes e enérgicas que no tempo da menor idade do ultimo imperador, pela epocha do segundo imperio e no começo da republica, destacavam-se como vultuosos cimos luminosos no horisonte da planicie popular, desceram quasi todas ao nivelamento da apathia, ao equiparamento da obscuridade, á miseria do suicidio moral.

Se amanhã um punhado de energumenos, tresloucados por um pequeno Danton, um minusculo Robespierre e um liliputiano Marat, conseguír pôr a mão na cadeira da presidencia, como se pretendeu em 5 de novembro, o Brasil depois do facto cosummado, será depois de amanhã, pela confirmação da unanimidade das provincias boquiabertas, a presa mansa e feliz da dictadura que se arvorar em salvadora da Republica.

Tres regimentos, um de cada « arma », se quizessem, fariam hoje mesmo um pronunciamento neste paiz de exotismos, sem que a nossa paciencia se desilludisse da sua pasmosa indifferença e sem que a nossa dignidade se enfurecesse contra a usurpação e o desgoverno.

O nosso povo parece incapaz dessas iniciativas tenazes, que nos paizes constitucionaes, expurgam o Executivo e o Legislativo dos individuos nocivos que por ventura se tenham aninhado no poder.

Assim como não tivemos força contra certos financeiros incapazes e certos banqueiros fraudulentos, não temos nenhuma coragem contra os mãos politicos e os funcçionarios prevaricadores.

Não tendo animo para discernir o que convem conservar e o que convem destruir, a alimária conservadora prefere virar a garupa a tudo e com os olhos amortecidos pelo pessimismo bonancheirão, descrê da vitalidade da Republica e do credito nacional, dos financeiros e dos politicos, julgando-os a todos em massa, como ladrões e ineptos.

A julgar as cousas em largas generalidades, as duas grandes doutrinas nocivas que surgiram com a Republica e o Encilhamento, foram: o autoritarismo governamental, incompativel com o systema democratico, directa ou indirectamente insuflado pelo positivismo orthodoxo ou « sympathico »; e o proteccionismo industrial a todo o transe, graças ao desenvolvimento precipitado de certas industrias rachiticas, que se quizeram tornar para-

sitas venenosas em todas as ramificações das pautas alfandegarias.

O conservador não se levantou contra o positivismo, politicamente; e nem ao menos protestou, economicamente, contra essa absorpção da direcção economica da acção do governo, pelos interesses phantasticos de meia duzia de industrialistas extravagantes.

A segunda destas doutrinas ainda não chegou ao seu maximum de expansão, mas promete muito; emquanto a primeira, foi desde o primeiro dia o oraculo do republicanismo theorico, que cahiu no lôgro enorme de copiar os figurões legendarios da Revolução Franceza, como elles haviam plagiado as attitudes e as phrases dos herões ds Athenas e Roma.

O positivismo triumphou com Benjamin Constant. A mathematica indigena filiada aos antros dessa maçonaria philosophica, exultou com as glorias do contismo monopolizador. Geometras flammejantes de patriotismo scientifico, agitavam compassos aggressivos, desafiando com injurias pesadas o bacharelismo secular, que se retirava á penumbra, calado e adhesista, curvando as borlas murchas dos capellos doutoraes ante a arrogancia marcial dos pennachos triumphantes. A geometria venceu em toda a linha o proximo; e a algebra e a arithmetica, o calculo differencial e integral, desancavam á espada, as costellas flexuosas dos representantes atemorizados das « sciencias juridicas e sociaes... »

O facalhão symbolico do Direito, já transformado em réles florete de páo, escondia-se prudentemente nas amplas e magestosas dobras do manto da Justiça.

A eloquencia parlamentar brasileira engasgava no atropello revolucionario; a dialectica parlamentar, esfarrapada pelos sabres dictatoriaes, não encontrava palavras expressivas nem citações apropriadas para definir o momento.

O caudilhismo manhoso da vanguarda positivista, emquanto o conservadorismo na sua impotente pulhice, murmurava blasphemias e prophetisava vinganças, ia sorrateiramente espreitando as crises nervosas de Deodoro, espionava-lhe os passos vacillantes, a marcha progressiva da grave molestia que lhe pegára no fastigio do governo — a descrença e o enojamento de tudo.

O positivismo caridoso, insaciavel de dedicação, impaciente de recolher na pessoa de um dos seus a successão presidencial, suggestionava a Benjamin constituir-se elle o enfermeiro politico d'aquella estranha doença, que amollecia periodicamente o autoritarismo do chefe da autocracia provisoria, atirando-o depois aos impetos, em accessos, ao predomínio exclusivo

da sua vontade rigorosa de antigo arregimentador de esquadões.

O positivismo intrigava, torvelinhando pelos ministerios, impingindo pareceres de bandeiras-réclames, máximas civicas-religiosas, ritos regeneradores, doutrinando ao acaso, e muito conseguia e mais conseguiria se não fôra o character de Benjamin Constant, que tendo feito a Republica sem a igreja, nem sempre andou de accordo. . . com a irmandade. . .

O sovadissimo conservador deixou fazer; não se levantou, não tossio, não gritou, não esmurrou; ficou caladinho e bem comportado, enquanto os *enfants terribles* do provisorio e os calouros da Constituinte dansavam uma sarabanda indescriptivel.

O « quarto estado » fez em cacos o nosso pouco divertido *ancien régime*; em pouco tempo, fez voar até o outro lado do Atlantico, a realza; amesquinhou a nobreza, despindo-lhe com sem-cerimonia as condecorações e rasgando-lhe os titulos pomposos; banio o clero do elemento official, separando a Igreja do Estado, com uma facilidade que faz hoje a inveja confessada do sr. Emilio Combes.

O positivismo, neste interim, fez-se, officialmente, o *ponto*, o autor, o ensaiador, o scenographista dessa representação solemne, de que um dos actos acabou na lugubre pancadaria de 93.

O conservatorismo, nada; apenas, algumas vezes, desandava a expectorar dichótes soezes no Marechal Floriano, escondido nas moitas dos « apedidos »; e era só.

Diante da idéa de conjuncto que tiramos desses factos a que nos referimos, somos forçados a nos convencer de que precisamos de politica nova; não de atropellos dantonianos e farças shakespeareanas, mas de um trabalho lento, persistente, calmo e decisivo, procurando modificar pouco a pouco esse cahos que é a politica republicana actual, sem directriz, sem logica e sem horisontes.

Politicamente o nosso dever é claro: eliminar as doutrinas *rousseauistas*, os idealismos perniciosos, as tolices revolucionarias, as empaphias demagogicas, os egoismos jacobinos, as tendencias dictatoriaes do positivismo reaccionario, os preconceitos do conservatorismo.

Economicamente: proteger as grandes culturas nacionaes de hoje: o café, o assucar, o cacáo, o algodão; prepararmo-nos desde já para amparar as duas grandes produções nacionaes de amanhã, a viticultura e o trigo; defender a industria de tecidos e algumas mais, que possuam effectivamente meios de existencia naturaes: tendo-se sempre muito em vista que é preferivel sacrificar-se uma pequena industria manufactureira a uma grande industria agricola.

Lembre-mos que estamos na America; e democratizando a Republica, enriqueçamos o povo.

Nós acreditamos, talvez por ingenuidade, bem lastimavel aos olhos maliciosos do pessimismo esperto, n'uma profunda e absoluta transformação nacional; e com Tocqueville acreditamos que para um mundo novo é necessaria uma sciencia politica nova.

Os primeiros tempos da Republica e a epocha do Encilhamento foram cheios de desastres immensos, mas de lições proveitosas.

Os nossos estadistas, os nossos industriaes, os grandes senhores territoriaes, não devem ignorar o passado; erros que hontem foram simples inexperiencias, serão praticados amanhã, verdadeiros crimes.

JOAQUIM VIANNA

Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDO DE UM ESTUDO CRITICO

DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1.^a

CAPITULO II

1. No capitulo anterior mostrámos o erro de logica em que laborou A. Comte em harmonisar a antiga theoria dos negativos com o salutar principio de Descartes, além de patentearmos que a theoria de Newton não pode ser acceita. Neste capitulo mostraremos mais claramente a inacceptabilidade daquella harmonia, analysando o trabalho do nosso sabio professor dr. Benjamin Constant, a quem nossa Patria deve tantos e tão relevantes serviços. A Memoria do sabio professor é apenas um desenvolvimento das idéias de Comte, ja por si bem definidas, mas escrevendo o que antes escrevemos, estamos na obrigação de estudar o trabalho de Benjamin.

Da leitura dessa obra, vê-se que em sua construção prevaleceram as ideias seguintes:

1.^o — Necessidade de uma theoria moderna dos negativos.

2.^o — Refutação da antiga theoria.

Dividiremos, para maior facilidade, a obra de Benjamin em duas partes, correspondentes ás idéias acima mencionadas.

Na primeira parte, acceita o principio de Descartes, diz que os negativos provêm de uma subtracção impossivel, que são maiores do que zero, e dá exemplos em favor da theoria que sustenta, que outra não é senão a theoria de A. Comte.

Na segunda parte, critica os argumentos que apresentam os defensores da antiga theoria.

Em nenhuma destas partes foi feliz o nosso illustre professor. Disse o illustre mathematico:

« A distincção das quantidades positivas e negativas não é só uma circumstancia accidental, que se pode dar na determinação dos valores numericos das expressões algebraicas, por onde se é levado a considerar quantidades isoladas affectas dos signaes $+$ e $-$; esta distincção corresponde maravilhosamente na passagem do concreto para o abstracto á opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptiveis, tendo assim uma significação clara ao espirito, e apresentando-se como um caracter importante da linguagem al-

gebraica, que concorre para torna-la a mais perfeita linguagem do raciocinio.

A sciencia mathematica apresentaria com effeito uma grave lacuna, limitando-se a considerar as grandezas unicamente quanto aos seus valores, sem attender ao seu modo de existencia. Assim por exemplo:

Si sobre uma linha recta um ponto estivesse 30 metros á direita de outro, e um segundo estivesse 30 metros á esquerda; si um acontecimento tiver lugar 10 annos antes da era christã e outro tiver lugar 10 annos depois; si um individuo possuir 1000 francos, e outro dever a mesma quantia: si um relógio adiantar-se de 7 minutos por dia, e outro atrazar-se de 7 minutos; si a velocidade de um movel augmentar de 8 metros, os numeros 30 m, 10 a, 1000 fr, 7 m, 8 m, não bastarão para determinar as grandezas correspondentes.

« Cada um delles representa duas grandezas: homogeneas e iguaes, mas cujo modo de existencia tem lugar em sentidos directamente oppositos, que não vêm designadas nos numeros que as representam.

« Na passagem do concreto para o abstracto é pois indispensavel que se attenda a esse duplo aspecto que muitas grandezas podem apresentar. O simples valor numerico não basta á sua inteira determinação, é necessario que se lhe ajunte alguma coisa que corresponda na linguagem ordinaria ás idéias que exprimimos com as palavras: á direita, á esquerda; antes, depois; acima, abaixo; além á quem etc.

« A linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa, si não possuísse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes a essas palavras. Esses caracteres, attendendo á natureza dessa linguagem, devem ser ao mesmo tempo os mais simples e os mais geraes e portanto independentes da natureza concreta das grandezas consideradas.

« E' pelos signaes $+$ e $-$ que a algebra satisfaz completamente a essas condições. Quando duas grandezas da mesma especie tem situações directamente oppositas, exprime-se esta circumstancia affectando uma d'ellas do signal $+$, e a outra do signal $-$, e affectão-se ambas do signal $+$, ou ambas do signal $-$, quando têm a mesma situação. » (1)

Em primeiro lugar, resulta do trecho citado que o illustre Benjamin faz provirem os negativos de uma subtracção impossivel, porque essa circumstancia accidental de que fala, nada mais é do que a particularisação dos valores indeterminados das expressões algebraicas, sobre os quaes formulam-se hypotheses gratuitas e que podem conduzir a operações impossiveis.

Em segundo lugar, fica patente que o grande professor acceita o principio de Descartes como uma necessidade, sem a qual a linguagem algebraica seria evidentemente defeituosa, si não possuísse symbolos ou caracteres quaesquer equivalentes ás idéias que exprimimos com as palavras: á direita, á esquerda, etc. E' a mesma harmonia das duas doutrinas oppositas feita por A. Comte, e contra a qual já nos exprimimos, conduzindo ao mesmo erro proveniente de partir-se do dominio abstracto para o concreto. Entretanto Benjamin diz que a distincção entre positivos e negativos corresponde maravilhosamente na passagem do concre-

(1) Vide Quantidades negativas, pag. 56. O grypho é nosso

cto para o abstracto á opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptíveis, quando apenas no dominio abstracto chegou ao conhecimento de quantidades negativas por uma hypothese inconveniente.

A affirmação do mestre, não é, como pode parecer, um simples jogo de palavras, é antes uma firme convicção ;

Diz elle :

A maneira de exprimir assim pela opposição ou identidade dos signaes a opposição ou identidade no sentido das grandezas, não é como parece, um simples principio de convenção; ao contrario, esta circumstancia se revela espontaneamente na passagem do concreto para o abstracto. Sempre que uma grandeza muda de sentido, a expressão do seu valor muda de signal e reciprocamente.

Parece ainda reservada ao calculista a liberdade de escolher o sentido em que a grandza deve ser affectada de um dos dois signaes, o outro sendo uma consequencia dessa escolha.

Ha alguns casos em que esta liberdade tem realmente lugar, em outros porém a natureza da grandeza, ou mesmo a natureza da questão determinão em cada sentido o signal conveniente. Para esclarecermos o que acabamos de dizer, tomemos alguns exemplos :

B' M B A
x-----y

Supponhamos que sobre a recta xy se trata de determinar uma distancia á partir de um ponto fixo existente na recta.

Representemos por x essa distancia, e supponhamos que é dada pela expressão algebraica $a - b$.

A partir do ponto M tomemos para a direita uma distancia $MA = a$. Para termos a distancia pedida é necessario subtrahir de MA a quantidade b , o que se consegue evidentemente tomando de A para a esquerda uma parte igual a b .

Si b for menor do que a , tomando de A para a esquerda uma parte AB igual a b , obter-se-á um ponto B situado á direita de M , e a distancia x que é positiva neste caso, será contada do ponto M para a direita.

Si porém b for maior do que a , caso em que a distancia x é negativa, obter-se-ha pelo mesmo processo um ponto B situado a esquerda de M ; a distancia será contada do ponto M para a esquerda, isto é, em sentido opposto áquelle em que eram contadas as distancias positivas.

Si em lugar de marcarmos o intervallo MA para a direita de M , o tivéssemos marcada para a esquerda, a distancia pedida seria contada do ponto M para a esquerda; si a differença $a - b$ fosse positiva, e para a direita se fosse negativa.

A mudança do signal de x determina pois a mudança de sentido na distancia correspondente e portanto na posição do ponto B determinado por elle.

A reciproca é tambem verdadeira. Com effeito, sobre a recta xy tomemos dois pontos fixos M e N e representemos por a o intervallo MN que os separa

M A N B
x-----y

Supponhamos agora dois pontos A e B equidistantes de N e representemos por x as distancias $NA = NB$.

As distancias do ponto M a cada um dos pontos A e B serão evidentemente $MN + NB$ ou $a + x$ para o

ponto B , e $MN - NA$ ou $a - x$ para o ponto A .

Vê-se pois que a opposição de sentido na situação dos pontos A e B á respeito de N determina a opposição dos signaes no valor de suas distancias contadas a partir de N .

Com effeito, a distancia x é positiva para o ponto B situado á direita e negativa para o ponto A situado á esquerda de N .

Resulta daqui que si sobre uma recta indefinida, a partir de um ponto, considerarmos como positivas as distancias contadas em um certo sentido, as distancias contadas em sentido contrario serão negativas.

Reciprocamente, si as distancias que, sobre uma linha recta determinão as posições de dois pontos em relação a um outro tomado sobre ella forem de signaes contrarios, os pontos terão situações oppostas á respeito do ponto fixo, existindo um á direita e outra á esquerda d'elle.» (1)

Este exemplo imaginado por Benjamin para provar que os negativos que provêm de uma subtracção impossivel representam na passagem do concreto para o abstracto a opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptíveis, é dos menos apropriados.

Verdadeiramente, não ha na primeira parte do problema passagem do concreto para o abstracto; apenas procurou Benjamin determinar sobre um a recta e á partir de um ponto fixo, uma distancia $x = a - b$; formulou as hypothses de $b > a$ e $b < a$ e determinou duas distancias limitadas pelos pontos B e B' , os quaes caíam um á direita e outro á esquerda de M .

Para determinar o ponto B subtraio de $MA = a$ a grandeza $AB = b$ e que é menor do que a , o que deu para resultado MB .

Para determinar o ponto B' , subtrahiu de $MA = a$ a grandeza $AB' = b$ e que é maior do que a , o que deu para resultado MB' e o ponto B' ficou á esquerda de M como o ponto B ficára á direita.

Quer isto apenas dizer que Benjamin procurou representar no dominio concreto o facto que se passava no dominio abstracto, e não foi da passagem do dominio concreto para o abstracto que se revelou a maneira de exprimir a opposição de signal de uma grandeza pela opposição de sentido.

Deixando de lado o capricho de Benjamin em não querer aceitar o principio de Descartes como uma simples convenção necessaria á mathematica, e procurar mostrar que em muitos casos, como o que apresentou, «a natureza da grandeza ou mesmo a natureza da questão determinão em cada sentido o signal conveniente», não se pode deixar de conhecer que o illustre professor confundiu o sentido directamente opposto de Descartes com o sentido contrario.

Com effeito, (1) quem partindo de M chegasse a N , si quizesse estar em B teria de andar se afastando cada vez mais de M , isto é, teria de effectuar uma somma, razão porque a distancia de M a B é dada por $a + x$; agora, quem partindo de M si achasse em N , si quizesse estar em A , é claro que teria de desfazer uma parte do caminho que havia feito; isto é, uma subtracção, razão porque a distancia do ponto M ao ponto A é dada por $a - x$; porém quem faz um caminho e volta depois de um certo tempo, não faz um caminho para a direita e outro para a esquerda do ponto de partida (origem), como pensa Benjamin.

De facto, quando tratando da reciproca toma dois pontos fixos M e N , um dos quaes M é necessariamente a origem, e tanto que

tomou as distancias dos pontos A e B a partir de M , só podia concluir que a grandeza NA é negativa, tomando para nova origem o ponto N , o que é contra o principio de Descartes que só trata de uma origem.

Não ha portanto possibilidade de no exemplo apresentado se reconhecer que da passagem do concreto para o abstracto é que surge a maneira de exprimir pela opposição de signal a opposição de sentidos que pode ter a grandeza.

Só confundindo o sentido directamente opposto com o sentido contrario, ou o que é o mesmo, só admittindo que subtrahir é fazer uma somma em que uma das parcelas é negativa, o que é destruir por completo o principio do grande philosopho, é que Benjamin poderia ter chegado a uma demonstracção de um principio que foi introduzido na sciencia como uma convenção naturalmente imposta pela consideração do facto concreto.

E chegou a tal demonstracção por um circulo vicioso, porque quando fez a hypothese de $b < a$ já diz de antemão que a distancia $x = a - b$ é positiva e quando supõe $b > a$ afirma logo que a distancia x é negativa.

Isto é, partindo do abstracto para o concreto, não conseguiu mostrar a subordinacção deste áquelle dominio, e só conseguiu representar geometricamente o resultado de uma subtracção, em que apresenta-se o caso de ser o subtrahendo maior do que o minuendo, caso contra o qual o proprio Benjamin já se manifestou claramente.

Em sua obra diz elle :

«Concebe-se facilmente que de uma grandeza qualquer é possivel subtrahir ou supprimir successivamente cada uma de suas partes até que a grandeza desapareça ou se aniquile, o que acontecerá evidentemente quando si tiver supprimido todas as partes de que ella se compunha; mas que de uma grandeza se possa subtrahir outra maior ou que ella continue a decrescer depois de aniquilar-se é realmente inconcebivel. Este absurdo que se dá na ordem concreta, tem lugar do mesmo modo na ordem abstracta. Concebe-se que de um numero qualquer se possa subtrahir successivamente cada uma de suas unidades e partes de unidades e que se possa subtrahir mesmo o proprio numero, mas que de um numero se possa effectivamente subtrahir um numero maior, ou que de zero que nem é quantidade se possa subtrahir qualquer numero, é realmente uma violação das leis as mais formaes do entendimento» (1).

Entretanto pensando por esta maneira, fez a hypothese de $b > a$ na subtracção $x = a - b$ ou da grandeza MA tirou a grandeza AB' que lhe é maior. (2)

Assim, não accetando o principio de Descartes como uma simples convenção, é preciso commetter com Benjamin os erros seguintes; 1º confundir os negativos com a operação que marca a decomposição, ou o que é o mesmo confundir o sentido directamente opposto com o sentido contrario; 2º partir do abstracto para o concreto, não tendo antes partido d'este para áquelle dominio; 3º praticar uma subtracção impossivel; ou esquecer o principio ou cahir num circulo vicioso, desde que se diz que o extremo é origem.

2. Quando a Benjamin convinha effectuar a subtracção impossivel para demonstrar o principio de Descartes, elle a effectuou sem a menor difficuldade, apezar de reco-

□ (1) Os griphos são nossos.

(1) Vide 2ª figura do trecho citado.

(1) Vide quantidades negativas pag. 13.

(2) Vide 1ª figura do texto citado.

nhecer que uma tal operação é realmente uma violação das leis as mais formaes do entendimento, quando, porém, quer fugir á logica da antiga theoria, começa a contornar a questão e lança mão de outros artificios. Assim é, que quando os defensores da theoria hoje abandonada, tratando da subtracção impossivel querem applicar ao resultado de uma tal operação o axioma de que o resto é tanto menor quanto maior é o subtrahendo, em uma subtracção em que o minuendo é constante, para provarem que os negativos são menores do que zero, diz elle :

« Com effeito, no caso em que $b > a$, o axioma citado não tem applicação no sentido em que tem para os outros casos: $b < a$, $b = a$; pois nesse caso a subtracção é impossivel no sentido indicado e só pode ter lugar invertidos os termos d'ella, isto é, tomando-se b para minuendo e a para subtrahendo. As proposições (1) e (2) (elle se refere a 1.^o Todo numero negativo é menor que zero; 2.^o Todo numero negativo é tanto menor quanto maior for o seu valor absoluto) seriam verdadeiras si na hypothese de $b > a$ ainda se tomasse a para minuendo e b para subtrahendo. Nesta hypothese sendo absolutamente impossivel a subtracção no sentido indicado, foi-se naturalmente levado a invertel-a, afim de effectual-a no sentido em que é possible. »

Com effeito, quando se decompõe b em duas partes uma das quaes fosse igual a a , fazendo depois a redução, o que deo $-c$ para resultado, foi-se naturalmente levado a tomar $-b$ para minuendo e a para subtrahendo, $-b$ é com effeito uma somma arithmetica, cujas parcelas são neste caso $-a$ e $-c$.

Tem-se tambem evidentemente $-a < -b$, $-c < -b$, pois a parte é sempre menor do que o todo. $-a$ se reduz com a e fica $-c$ para resto. Reduz-se pois a questão a subtrahir de b a quantidade a e dar ao resto o signal de b na expressão $a - b$. Pode-se pôr debaixo da seguinte forma a expressão deste resto: $x = -(b - a)$. » (1)

Benjamin procura uma razão dizendo que na subtracção $a - b$ quando $b > a$ o axioma acima citado não tem applicação, porque quando dem nstando o principio de Descartes chego á grandeza negativa MB' , certo que para elle esta grandeza não devia ser menor do que zero; quando, porém, diz que na hypothese de $b > a$ foi-se levado naturalmente a inverter a subtracção, afim de effectual-a, no sentido em que é possible, apresenta um argumento improprio.

Si na subtracção $a - b$ se supõe $b > a$, e si se reconhece que nesta hypothese tal operação não pode ter lugar no sentido indicado, é signal de que uma tal operação é uma impossivel e que o bom senso a regeita por completo. Não se deve, pois, tental-a, e Benjamin que ja havia condemnado esta tentativa no trecho que acima citámos, convence-se por fim de que a operação é possible e chega a um resto, pelo modo confuso que fica acima transcripto. Entretanto si quizesse ser mais claro, uma vez que diz que a subtracção é impossivel no sentido indicado e só pode ter lugar invertidos os termos della, isto é, tomando-se b para minuendo e a para subtrahendo; o que nos dá $b - a$, teria dito que o resto desta subtracção pode ter a forma $x = +(b - a)$ e não $x = -(b - a)$, como affirmou. Mas é facil de ver no trecho que discutimos que, se cheguemos a $x = -(b - a)$ é porque logo depois diz que o minuendo é $-b$ e não mais $+b$. Tudo isto é por demais exquísito. Si na subtracção $a - b$, se tomar b para minuendo,

a subtracção toma a forma $b - a$, e como $b > a$, o resto é positivo, porque esta inversão importa em dizer que de uma quantidade só si pode tirar outra igual ou menor. Mas, suppondo mesmo que, quando nesta operação se toma b para minuendo este ainda seja negativo, só se pode ter a expressão $-b - a$, que significa a subtracção entre o negativo $-b$ e o positivo $+a$, e o resto de tal operação deve ser $-(b + a)$ e não $-(b - a)$ como diz Benjamin. (*) Na verdade chega ao resto $-(b - a)$ porque para elle a subtracção entre $-b$ e $+a$ se representa assim: $-b + a = a - b = -(b - a)$, isto é, Benjamin querendo effectuar a subtracção impossivel para concluir que os negativos não são menores do que zero, lança mão de um principio que emana da theoria que tal affirma; mas combater uma theoria e servir-se dos principios que della derivam para chegar ao fim, é na verdade muito fraco.

Por outro lado, o raciocinio empregado pelo illustre professor é de uma fragilidade que se destroe por si mesmo. De facto, a operação feita por Benjamin foi a seguinte: $a - b$ na hypothese de $b > a$ ou $b = a + c$. Tomando b ou $-b$ para minuendo, vem: $-b + a = -a + a - c$ e como $-a$ se reduz com a resta $-c$.

Será $-c$ o resto da operação, ou, o que é o mesmo, esta subtracção impossivel, apesar de invertida, dará um resto? Vejamos. Tendo-se $-b + a$ e decompondo $-b$ em suas partes, vem: $-b + a = a - b = a - a - c = 0 - c$ porque zero é o resto da subtracção entre $+a$ e $+a$, e como os termos $+a$, $+a$, $+c$, estão ligados entre si pela subtracção, não se pode apagar o zero que provem da subtracção de duas partes iguaes, resto que ainda deve estar ligado ao terceiro elemento $+c$ pela subtracção. Isto quer dizer que aquella operação pode ser representada da seguinte forma: $a - b = 0 - c$, na hypothese de $b > a$. Analysando os dois membros desta igualdade vê-se que o primeiro representa uma subtracção impossivel indicada, e que o segundo membro representa outra subtracção impossivel indicada, isto é, o absurdo tentado no primeiro membro da igualdade ainda permanece no segundo membro, o que devia ter lugar.

Foi pois commettendo o erro de apagar o zero, que estava ligado a uma parte do minuendo pela subtracção, depois de dizer que $-a + b = a - b$ que Benjamin conseguiu chegar a um resto em uma subtracção impossivel, mas só se pode apagar o zero nas operações da forma: $O + M$, $M +$, $O - M - O$ e não na operação $O - M$, sem fugirmos á these que nos propunhamos demonstrar ou commetter um erro.

3. Temos mostrado como Benjamin todas as vezes que tenta harmonisar a theoria que affirma que os negativos devem ser introduzidos no calculo por uma necessidade dos factos concretos com aquella que diz provirem taes quantidades de uma operação absurda, cae nas maiores incoherencias, nos mais profundos sophismas, na mais completa metaphysica. Este illustre professor tinha entretanto certeza de que os negativos deviam ser introduzidos no calculo afim de que a linguagem mathematica fôsse a mais completa possible, ou estava convicto de que, seguindo o caminho que apontou, é que se podia dar daquellas quantidades uma theoria accetavel. De facto, em sua obra diz o grande professor:

(*) Nota. E' bom lembrar que quando na subtracção entre $-b$ e $+a$, que se representa por $-b - a$ dizemos que o resto é $-(b + a)$, fazemos applicação das idéas de Benjamin, porque para nós tal subtracção si tem um resto é este apenas a differença entre os valores absolutos de $-b$ e $+a$, não se podendo determinar um signal para elle

« Quando sobre uma recta indefinida se consideram como positivas as distancias contadas em um certo sentido a partir de um ponto da recta tomado para origem, as distancias contadas em sentido opposto serão negativas. E' uma convenção geralmente admittida e que como vimos nada tem de arbitraria; é ao contrario, a expressão da profunda harmonia entre o factio analytico e a significação concreta dos signaes $+$ e $-$ que recebe neste exemplo uma confirmação decisiva. Assim se referirmos a uma origem O a posição de um ponto A movel sobre a recta xy ,

$z \text{---} \overset{A}{\text{---}} \overset{O}{\text{---}} \overset{A}{\text{---}} y$

representando por x sua distancia á origem que supomos positiva quando for contada para a direita de O e portanto negativa quando for em sentido opposto, o valor de x e o signal respectivo têm aqui a vantagem de fixar respectivamente em cada instante a posição do movel sobre a recta. E' evidente que quanto mais affastado ou mais proximo da origem O estiver o ponto A , tanto maior ou tanto menor será o valor absoluto de x e os signaes $+$ e $-$ nada mais indicam senão a sua situação a respeito do ponto O , o que é indispensavel para determinar em cada caso. Estes signaes não têm pois neste caso outra significação.

Como é pois que deste exemplo, que tão bem caracteriza a significação dos signaes $+$ e $-$ e que é tão geral que pode-se applicar a todas as grandezas susceptíveis de opposição de sentidos, se pode tirar argumento a favor das propriedades das quantidades negativas; isto é, que toda quantidade negativa é menor do que zero e tanto menor quanto maior é seu valor absoluto?! Como é que podemos combinar estas idéas de distancias positivas e negativas com taes propriedades das quantidades negativas? Pois não é evidente que, quanto mais o ponto A se affastar de O para a direita ou para a esquerda, maior é a distancia que o separa deste ponto e maior é portanto o valor numerico de x , que representa esta distancia?

A quantidade negativa $-x$ não terá neste caso uma significação tão clara ao espirito representando uma grandeza real tanto maior ou tanto menor, quanto maior ou quanto menor for o valor absoluto de x ? » (1)

Deixando de lado a insistencia de Benjamin em não querer que o principio de Descartes seja uma simples convenção, vê-se que o illustre mestre que nutria as idéas tão claras que acima transcrevemos, commetteo o grande erro de não se limitar ás idéas do grande philosopho, acceitando unicamente para origem dos negativos a simples convenção do illustre pensador, e combinando como fez esta convenção com a antiga origem daquellas quantidades. Discordamos do mestre justamente por se exprimir, ora de uma maneira tão clara, ora de um modo tão confuso, como quando reconhece logo no começo de sua obra que a « distincção das quantidades em positivas e negativas, não é só uma circumstancia accidental que se pode dar na determinação dos valores numericos das expressões algebraicas, por onde se é levado a considerar quantidades isoladas affectas dos signaes $+$ e $-$. »

Para Benjamin os negativos tem duas origens: ou provém, no dominio abstracto, de uma subtracção impossivel, ou provém, no dominio concreto, da necessidade de não

(1) Vide obra citada pag. 49 e 50; O gripho é nosso.

(1) Vide obra citada pag. 25 e 26.

se confundir a situação das grandezas. Taes origens se repellem, donde a nossa discordancia com o mestre.

Dissemos no começo deste capitulo que do livro de Benjamin via-se que elle acceitava o principio de Descartes, que considerava os negativos maiores do que zero e que os fazia surgir da subtracção impossivel.

Acceitando o principio, conclue-se logo que os negativos não podem ser menores do que zero, que significam a opposição de sentidos e que não podem mais provir da subtracção impossivel.

Mostramos tambem que Benjamin só podia dizer que os negativos provêm de uma subtracção impossivel e que são maiores do que zero, servindo-se do principio de que $a - b = a + (-b)$, principio este que deriva da theoria de que os negativos são menores que zero, porque só sendo assim é que um negativo somado a um positivo poderá diminuir o valor deste, uma vez que o proprio zero não lhe altera o valor. E' por ter ficado provado que o illustre mestre não comprehendendo todo o alcance do theorema do grande philosopho, é por se ter illudido com um principio que Descartes destruiu, que o nosso sabio professôr desenvolvendo as idéas metaphysicas de Comte, neste assumpto, apresentou uma theoria metaphysica.

A theoria de Benjamin pode ser resumida neste trecho de sua obra:

«O estudo da theoria das quantidades negativas que até aqui temos feito, analysando separadamente cada um dos diversos argumentos relativos ás proposições (1) e (2), (1) illogicamente considerados como estabelecendo a base desta theoria, deixa a convicção de que as quantidades negativas têm uma existencia tão real como as positivas, e que na comparação destas quantidades deve-se attendere unicamente aos seus valores absolutos. Os signaes + e - nada influem sobre os valores das quantidades a que são affectos.

Consideradas na accepção puramente arithmetica que ligamos a estes signaes, e portanto debaixo do ponto de vista o mais simples e tambem o mais circumspecto, as quantidades positivas e negativas significão = quantidades a ajuntar = e = quantidades a subtrahir =. Sem perderem este caracter arithmetico que vem expresso nos signaes que acompanham e constituem aquellas quantidades, são ellas susceptiveis, como temos visto, de uma accepção muito vasta e muito mais importante: é pela feliz correspondencia que existe entre a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis e a opposição dos signaes + ou - dos seus valores respectivos que as quantidades positivas e negativas preenchem em Algebra, assim como em toda a sciencia mathematica um importante papel, dando lugar a muitas importantes e indispensaveis applicações.»

Pela theoria exposta vê-se que os negativos podem ser considerados sob dois pontos de vista: ou como = quantidades a subtrahir = si levarmos em conta o caracter arithmetico do signal que os acompanha, ou como representando a opposição de sentidos de que muitas grandezas são susceptiveis. Pondo de parte o facto de Benjamin falar nos valores absolutos das quantidades negativas que provêm de uma subtracção em que o minuendo decresce depois de se ter annullado, diremos que, depois

(1) — (1) O numero negativo é menor do que zero. (2) O numero negativo é tanto menor quanto maior é o seu valor absoluto.

de Descartes, esta accepção puramente arithmetica de que fala, não se refere aos signaes + e - que acompanham as quantidades positivas e negativas, porque taes signaes significam uma *qualidade* e não uma operação. Si ha accepção puramente arithmetica, refere-se esta ás quantidades, as quaes não podem ter outra accepção, e um numero tem sempre uma accepção arithmetica, quer seja positivo ou negativo. Os signaes caracterisam as quantidades, mas não as constituem, porque o que as constituem é o valor que ellas representam, depois da abstracção que se fez da grandeza correspondente. O signal das quantidades não tem outro fim senão caracterisal-as, isto é, serve para mostrar a origem das quantidades ou accusa sua *qualidade*. Só para aquelles que acceitam a antiga theoria, isto é, só os que dizem que um negativo provem de uma subtracção impossivel e como tal é menor do que zero, é que podem descobrir no signal - das quantidades negativas este caracter arithmetico, que conduz a uma combinação subentendida, na phrase de Comte, o que leva a consideral-as como = quantidades a subtrahir =. Mas o que é uma quantidade a subtrahir?

E' uma quantidade que gosa da propriedade de ser subtrahida na combinação em que fôr introduzida, e esta propriedade lhe vem de duas origens: ou a quantidade a subtrahir é o *resto* de uma subtracção em que o minuendo era menor do que o subtrahendo, e é por tanto menor do que zero, isto é, marca uma *falta*, e na combinação outro effeito não tem senão desfalar uma quantidade que tenha valor real, ou a quantidade a subtrahir é o *resultado* a que se chegou na subtracção em que o subtrahendo era maior do que o minuendo, e pela annullação deste deixou-se de subtrahir uma parte do subtrahendo, devendo na combinação tal quantidade ser subtrahida da positiva ou negativa a que fôr sommada, porque é ella uma quantidade que só pode ser subtrahida. No primeiro caso a quantidade a subtrahir é um symbolo de impossibilidade.

Vê-se pois, que partindo da subtracção impossivel não se pode erigir uma theoria sã das quantidades negativas, porque taes numeros são abstracções e não podem representar grandezas do dominio concreto.

Si o illustre Benjamin tivesse considerado os negativos, partindo do facto que levou Descartes a formular o seu principio, teria, no dominio abstracto, os negativos como verdadeiros numeros, porque eram os representantes abstractos de grandezas, e não precisaria ter escripto um livro para mostrar que os negativos são maiores do que zero, porque já o eram as grandezas negativas do dominio concreto. Considerando mesmo os negativos como provindo de uma subtracção impossivel, não precisaria ter escripto tanto para mostrar que aquelle - c a que chegou na subtracção $a - b$ quando $b > a$ não é menor do que zero si dissesse que aquelle - c (admittindo-o isolado) é o *resultado* de uma subtracção impossivel, isto é, é a parte do subtrahendo que deixou de ser subtrahida, porque pelo facto de se haver annullado o minuendo a aquelle - c não poderia passar por uma transformação tão grande que ficasse dotado destas duas propriedades: 1.º decrescer até zero; 2.º decrescer alem de zero de uma quantidade igual a c , em valor absoluto. Porem o que admira é que o illustre professôr tivesse escripto um livro para mostrar que o *resto* de uma subtracção impossivel é maior do que zero e representa uma grandeza. A idéa de *resto* encerra, na verdade, a idéa de valor, embora nullo, e parece que o illustre Benjamin andou acertado, mas é que a subtracção impossivel não dá resto.

TERTULIANO BARRETO,
1.º Tenente de Artilharia

Continúa

DE TUDO E DE TODOS

UMA LEMBRANÇA.

Qual seria a opinião de Mirabeau, no nosso Parlamento, sobre o projecto de vaccina obrigatoria? Elle que teve variola?

* *

Ha actualmente uma porção de symptomas curiosos.

Um delles, não dos menos significativos, pois que o vimos reproduzido num dos ultimos numeros da *Illustration*: é o papa assistindo a uma sessão de gymnastica.

* *

Annuncia-se para breve a publicação, nesta capital, de um grande organo catholico. O titulo é expressivo: «A União»... faz a força.

NOTAS MERCANTIS

CAMBIO

Durante a semana finda predominaram as tendencias de alta, tratando todos os especuladores de comprar com franquesa o que podiam.

Desde que es e movimento esmoreça e cesse a procura, não será de estranhar que a baixa se opere e se forcem negocios para as liquidações pendentes.

As tabellas estiveram sustentadas em todos os bancos a 12 1/4 d. stg. por 1\$, havendo no fim da semana pouco movimento; entretanto, o mercado manteve-se calmo.

Eis as taxas fixadas pelos bancos ao encerrarmos estas notas:

Banco da Republica, 12 1/4 a 90 d/v.

London & Brazilian Bank, 12 3/16 a 90 d/v e 12 1/16 a vista,

Britisk Bank, 12 7/32 a 90 d/v e 12 3/32 a vista.

Brasilianische Bank, 12 1/4 a 90 d/v e 12 1/8 a vista.

River Plat Bank, 12 7/32 a 90 d/v e 12 3/32 a vista.

CAFÉ

Depois da nossa anterior resenha tem-se conservado estacionario o mereado de café.

Os exportadores aptesentam-se retrahidos e esquivos aos negocios, ao passo que diligenciam os commissarios animar e sustentar os anteriores preços.

O mercado fechou calmo ao encerrarmos estas notas e, resumidamente, o movimento geral foi o seguinte:

Entradas	Saccas
Pela Estrada de Ferro Central.....	5.835
Por cabotagem.....	7.580
Por barra a dentro.....	8.069
Total.....	21.484

Os embarques até o dia 12 foram de 74.210 saccas com destinos diversos e as vendas effectuadas não excederam de 36.000 saccas aos preços extremos de 9.600 e 9.800, para o typo n. 7 de Nova-York.

A existencia até o dia 11, era de 477.687 saccas.

ASSIGNATURAS
 ANNO .. 20\$000
 SEMESTRE... 12\$000

 Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sob.)
 OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Será possível que o benemerito Prefeito desça das alturas, aonde ascendeu glorificado pela opinião publica, para se chafurdar na vasa da politicagem? Será possível que esse homem de energia excepcional tenha cansado de ser grande e se encôlha para se nivelar á craveira commum dos fabricantes de intendentes?

Essa duvida tristonha pôz de promptidão todos os nossos sentimentos de admiração affectuosa. E pensámos em alguma diabolica influencia, infeccionando-a de caduquice, como fazia Jupiter áquelles que queria desgraçar, tenha virado a cabeça veneranda, onde se geraram tantas idéas patrioticas, tantos planos de aformoseamento da cidade, de conforto aos cidadãos e uma serie de medidas de saneamento moral e physico da administração municipal, completamente restabelecida nos seus creditos e nos seus beneficos resultados.

Justifica-se esse formidavel erro pela necessidade de organizar um Conselho de Intendencia, afinado pelo Prefeito, para evitar dissomancias e o escandaloso espectáculo dos desvarios desse, que deveria sair expurgado dos velhos vícios dos anteriores, e saiu peor que a encomenda, desilludindo as esperanças solidamente fundadas em um novo processo de depuração do eleito.

Está demonstrado com lastimosa exuberancia que, nisso de réformas eleitoeas, precauções são inuteis: reformam-se as fechaduras; inventam-se novas gazúas.

De resto, as chapas officiaes sempre provaram mal, porque não são forjadas com a integridade do voto, que já se figura uma aspiração arredada, definitivamente, da raia das coisas, possíveis ou verosimeis.

Mas, é indispensavel arranjar um Conselho destinado, menos ao governo do municipio, que ás manobras eleitoeas, em futuro proximo, nas quaes elle vae ter uma função importante como peça essencial do machinismo da politica do Districto Federal.

Dahi, esse sacrificio da quebra de uma norma de conducta, que era o

traço mais lumiuzo da personalidade do Prefeito — a sua fecunda independencia pela isenção dos compromissos que a politicagem impõe ás suas victimas.

O Prefeito sabe que o segredo do milagre, operado pelo seu governo, foi devido, exclusivamente, á sobranceiria com que varreu dos seus dominios a influencia dos politiqueiros.

Como é que, não obstante essa experiencia, rica de lições proveitosas, vae se privar desse precioso elemento de força, da aureola do seu prestigio; com a infantilidade de Sansão, deixando na ebriedade de um momento de gozo ephemero, lhe cortarem os cabellos?

* * *

O boato atterrador não surdiu da concha do mysterio; mas não ha duvida que elle andou a fazer das suas. De outro modo se não explicam a promptidão das forças de mar e terra e outras medidas de medo, que é máu conselheiro.

Dar-se-á que essas precauções bellicas corram por conta da vaccina obrigatoria, que está passando para o rol das coisas esquecidas?

EXTERIOR

OS NOSSOS VISINHOS

O Estado Oriental festejou com extraordinarias manifestações de legitimo jubilo, a terminação da guerra civil, desta vez definitivamente, pela reducção dos ultimos caudillos recalcitrantes.

Sobraçando ramos de oliveira, volvem aos campos, aos rebanhos, ás charqueadas e aos lares enlutados, os cidadãos desviados pela paixão partidaria; abandonam as armas maculadas de sangue fraterno para, na suave serenidade da paz, curarem feridas, restaurarem as ruinas que marcam a passagem do pampeiro revolucionario.

Essas perturbações, condemnaveis por seus processos violentos, são, ás vezes, reacções irrepressiveis e justas dos opprimidos, soluções de continuidade abertas na ordem pela força de expansão de direitos conculcados pela tyrannia dos dominadores.

Não é opportuno fazer a critica do movimento de rebeldia soffocada ou extincta. Devemos juntar os nossos foguetes aos hymnos do povo oriental; congratularmo-nos com elle por esse feito venturoso que nos traz tambem socego. Vae nisso a pontinha de egoismo de quem vê com satisfação apagado o incendio nas barbas do visinho, cessando as ameaças de contagio do exemplo.

Esses repiquêtes de revolta corriam, anti-gamente, por conta da nossa curiosa politica no Rio da Prata. Não se sabe porque, nem com que vantagens reaes, nos davamos ao dispendioso luxo de ter um partido na Banda Oriental.

Temos, agora, a prova positiva dessa extravagancia, ou chegaremos á edificante conclusão de que revoluções não médram alli sem a criminosa cúmplicidade, que tem na fronteira os seus valhacoutos para a politica e para o contrabando.

Desta vez, á nossa politica internacional, com um correctissimo proceder, resgatou velhos peccados; o exercito nacional pôz embargos ás ligeiras dos passes e repasses, e a revolução ficou de pernas quebradas, privada do seu essencial elemento de vida. Não lhe valeram os auxilios secretos, attribuidos pela protervia internacional a outra nação amiga, tambem inculpada de manobras sympathicas aos revolucionarios do Paraguay, onde, ha bem pouco, nós mettemos em intriguinhas de visulhança, cujas consequencias remotas talvez não sejam estranhas aos tristes acontecimentos de hoje.

E' agradavel registrar que cessaram os receios ao sul. O presidente Quintana occupou a curul do general Roca saúdado pela sua nação, cheia de esperanças. Deus o inspire para rasgar, amplas e boas, as valvulas de segurança do pensamento das, garantias individuaes e do direito de votar, que por lá, como por cá, anda numa crise miseravel.

NOS ANTIPODAS

Mais uma derrota de Kuropatkine, uma trenuenda decepção para os que acreditaram que a offensiva seria o inicio da execução de um plano pacientemente aparelhado na sangrenta serie de retiradas continuas e desastrosas, cuja explicação não satisfazia aos ardentes amigos da Santa Russia.

Desta feita, Kuropatkine estava superior em numero, dispondo de tropas para esmagar os estropiados soldados de Oku, Nodzu e Kuroki, ainda extenuados do formidavel encontro de Liao-Yang, reputado a maior carnificina dos tempos modernos. Mas, a formidavel iniciativa se esboroou em derrota mais consideravel que as precedentes, com um desfalque de cerca de 40.000 homens fóra de combate.

Não conhecemos ainda a verdadeira extensão do desastre. A sobriedade das noticias de Tokio, as partes officiaes do general Sakharoff, que parece um contador de historias para amenisar a impressão da verdade, não nos fornecem elementos seguros para um juizo exacto sobre a ultima operação. Não ha duvida, porém, que a batalha campal se transformou em ferozes escaramuças que protegem a retirada de Kuropatkine, acossado a oeste por Oku e Nodzu, ao passo que, num desespero homerico, os